



PUC RIO

CARLOS ALBERTO GUEDES CAMPOS

O SUPEREU E O AMOR:
DA METAPSICOLOGIA À TRANSFERÊNCIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

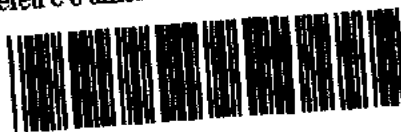
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, agosto de 1999.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 C198 TESE UC
Título O superou e o amor



Ex.2 PUCB

0141038

CARLOS ALBERTO GUEDES CAMPOS

**O SUPEREU E O AMOR:
DA METAPSICOLOGIA À TRANSFERÊNCIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, agosto de 1999

CARLOS ALBERTO GUEDES CAMPOS

**O SUPEREU E O AMOR:
DA METAPSICOLOGIA À TRANSFERÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: Ana Maria Rudge

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro, agosto de 1999

95908

pe/a



250
C 199
TESE Ue

Para Tatiana e João Pedro.

Meus amores, minha família.

AGRADECIMENTOS

À Ana Maria Rudge, orientadora, pela precisão de seus comentários, pela elegância com que conduziu nossos trabalhos e pela confiança.

Aos professores da PUC-RJ que participaram, de modos muito diversos e especiais, do início da minha formação de pesquisador: Ana Maria Coutinho, Ana Maria Nicolaci-da-Costa, Ana Maria Rudge, Ary Band, Carolina Lampréia, Circe Navarro Vital-Brazil, Cláudia Amorim Garcia, José Otávio Naves, Monique Augras, Octavio de Souza.

À CAPES, órgão financiador deste trabalho.

À Marize e Verinha, pela competência, simpatia e bom humor com que trabalham, e nos recebem.

Às analistas do Ambulatório do Projeto Lida, companheiras incansáveis no esforço de sustentação de um trabalho sério e prazeroso com a psicanálise.

Aos colegas do Ambulatório da Santíssima Trindade, por dividirmos nossas questões de um modo sempre leve e produtivo. À Isabel Senra, coordenadora, pela inspiração de seus comentários, e pela acolhida.

À Angela Lobo de Andrade, minha amiga, que através de seus exercícios diários de solidariedade redimensionou as experiências de amizade que eu conhecia. Ao Fernando, ao Gabriel e à Doca que me receberam, sempre muito bem, nos meses em que estive trabalhando na sua casa.

À Flávia Peregrino Bali, Tatiana Porto Campos, Nuria Malajovich Muñoz, e Hebe Coimbra Guedes pelo carinho e atenção na leitura das primeiras versões.

Aos meus pais, que sempre sustentaram meus sonhos e projetos de forma muito especial, pelo amor que recebi sempre.

À Tatiana, meu grande amor, minha companheira há mais de onze anos, pelas experiências maiores: nossa cumplicidade, nossa vida, e nosso filho.

RESUMO

O estudo do supereu tem relevância indiscutível no que concerne à articulação de teoria e prática em psicanálise. Nesta dissertação realizamos um estudo do supereu na obra de Sigmund Freud. Esta instância se insere como peça fundamental na arquitetura de uma direção ética da psicanálise. Com isso, destaca-se a importância de seu estudo para o exercício da clínica psicanalítica. Ressaltamos os mais diversos desenvolvimentos teóricos freudianos com suas contradições ou diferenças marcantes, sem a intenção de solucioná-los. Para tanto, foi feito um mapeamento dos papéis do supereu nas relações de interdependência do psiquismo, com ênfase em suas relações com o amor de si e do outro. A trajetória do trabalho é a seguinte: partimos de uma apresentação extensa dos principais desenvolvimentos teóricos concernentes ao supereu e chegamos a uma exposição de vicissitudes do supereu, e do amor, na transferência. Durante o percurso tratamos do supereu em suas relações com a cultura, apresentamos a relação com a pulsão de morte, analisamos o enlace entre angústia supereu e amor, e fizemos apreciações a respeito do amor, narcísico e objetual, enquanto ligado ao supereu, na neurosc. Esta dissertação serve a dois propósitos: mostrar Freud em ação, construindo metapsicologia, e abrir caminhos para outros estudos da instância superegóica.

ABSTRACT

The study of the superego has unquestionable relevance concerning the articulation of theory and practice in psychoanalysis. In this dissertation we study the superego in the writings of Sigmund Freud. The superego plays a fundamental part in the architecture of an ethical direction in psychoanalysis. Considering this, the importance of studying the superego is emphasized, especially regarding the psychoanalytical clinical practice. A wide range of the freudian theoretical developments are underlined, including their inherent contradictions and differences which we have no intention of resolving in a final manner. In order to accomplish this, a mapping of the roles played by the superego in the interdependent relations of the psychic apparatus was drawn, stressing its connection with love towards one's self and towards the other. The path chosen for this work was the following: we began with a broad presentation of the main theoretical approaches concerning the superego, followed by a display of the vicissitudes of the superego, and of love, in transference. Further yet, we approach the superego in its relations to culture, present its relations to the death instinct, analyze the bond between anguish, the superego and love and comment love and its relation with the superego in neurosis. This thesis has two main purposes: showing Freud at action, in the process of building metapsychology, and opening paths for other studies about the superego.

PALAVRAS CHAVES

- PSICANÁLISE

- SUPEREU

- AMOR

- METAPSICOLOGIA

- TRANSFERÊNCIA

- NARCISISMO

- ANGÚSTIA

- CULTURA

- PULSÃO DE MORTE

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I - A INSTÂNCIA SUPEREGÓICA: considerações metapsicológicas	9
Capítulo II - O SUPEREU EM SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA	37
Capítulo III - O SUPEREU E A PULSÃO DE MORTE	52
Capítulo IV - O SUPEREU E A ANGÚSTIA	62
Capítulo V - O SUPEREU E O AMOR	71
Conclusão - O SUPEREU E O AMOR NA TRANSFERÊNCIA	91
Referências Bibliográficas	104
Bibliografia	108

INTRODUÇÃO

*Como sabem, nunca nos vangloriamos da inteireza
e do acabamento definitivo
de nosso conhecimento e de nossa capacidade.
Estamos tão prontos agora, como o estávamos antes,
a admitir as imperfeições da nossa compreensão,
a aprender novas coisas e a alterar os nossos métodos
de qualquer forma que os possa melhorar.¹*
Sigmund Freud

Nesta dissertação realizamos um estudo sobre o supereu² na obra de Sigmund Freud. O supereu é uma das três instâncias psíquicas trabalhadas, nomeadamente, no contexto da segunda tópica freudiana, cujas teorizações consistem em uma nova descrição da mente e de seu funcionamento. Em nossa pesquisa teórica partimos do objetivo principal de conhecer e sistematizar as hipóteses concernentes a essa instância. Realizamos, afinal, um mapeamento dos papéis do supereu nas relações de interdependência do psiquismo, com ênfase em suas relações com o amor de si e do outro. Esta ênfase decorreu da pesquisa, isto é, foi sugerida pelo percurso realizado através do texto freudiano.

¹ Freud, S., Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica (1919), p.201

² Adotamos aqui a nomenclatura *isso, eu, supereu, recalque, recalçado, investimento, pulsão, e angústia* em lugar dos termos adotados pela Edição Standard da Imago que são, respectivamente, *id, ego, superego, repressão, reprimido, catexia, instinto, e ansiedade*, dando preferência, porém, às formas *egóico* e *superegóico*, baseando-nos no precedente da língua portuguesa, que utiliza a mesma forma para palavras derivadas do vocábulo *eu*, tal como em *egoísmo* ou *egocêntrico*.

O conceito de supereu é introduzido por Freud em O Eu e o Isso³ e vem abranger vários movimentos da dinâmica psíquica advindos de sua experiência clínica e descritos em suas considerações metapsicológicas anteriores a esse texto. Multifacetado e complexo, aponta para o estudo do esquiteamento do sujeito sob a forma de mandatos insensatos, compulsões irrefreáveis, coerções inexplicáveis, obediências masoquistas, atos expiatórios e sacrificiais ligados a culpas infundadas, covardia moral, e ainda pela via pouco explorada do humor.⁴ Além dessa dimensão mais conhecida, consideramos surpreendente a importância de suas relações com o narcisismo, com o amor objetal e até mesmo com o amor pela cultura.

Enraizadas no desamparo original do bebê humano, cultura e linguagem constituem a tumultuada e não delimitada geografia do sujeito; geografia que, na segunda tópica, Freud denominará com o tríptico: eu, isso e supereu e que sustentada no 'aparato de linguagem' — *hörkappe* (receptor acústico) mediador — engendra um ser falante e social.⁵

Ao escolher seguir as formulações de Freud acerca do supereu ao longo de sua obra, percebemos que o tema da pesquisa liga-se à vertente do fazer metapsicológico, compreendido num sentido amplo. Tomamos como

³ Freud, S. O Ego e o Id (1923)

⁴ Cf. Gerez-Ambertin, M., Las Voces del Superyo (1993)

⁵ Id., *ibid.*, pg.10 "Enraizados en la originaria indefensión de la cria humana, *cultura y lenguaje* constituyen la procelosa y no delimitada geografia del sujeto; geografia que en la Segunda Tópica Freud denominará con el tríptico: yo, ello y superyó y que sustentada en el 'aparato de lenguaje' — *hörkappe* (casquete auditivo) mediante — engendra un ser hablante y social (...)." A tradução é minha

metapsicologia a tentativa de descrever, e de teorizar, tudo o que se relaciona aos processos psíquicos inconscientes.⁶ O que, eventualmente, ultrapassa os três pontos de vista, tópico, dinâmico e econômico, mas cabe nessa definição mais ampla, ou seja, cabe sob a égide de teoria psicanalítica, é chamado metapsicologia. Acompanha-se aqui um eixo da teoria do funcionamento psíquico que, tangencialmente, aponta para o método de construção de um aparato conceitual que dá conta do que a sensibilidade clínica informa, isto é, daquilo que é proposto por Sigmund Freud com a metapsicologia. “(Aliás, vou perguntar-lhe com seriedade se posso usar o nome de metapsicologia para minha psicologia que vai além da consciência.)”⁷

Estamos afinados com aqueles que consideram que não há nenhum bom motivo para supor que a psicanálise enquanto prática, seu método e os pressupostos que ela implica, tenham algum valor transcendente em relação às condições históricas em que se desenvolveram, e nas quais se mantém viva. E enxergamos nesta postura uma boa razão para que cada psicanalista adote a postura freudiana indicada pela epígrafe que escolhermos. Nesse sentido, esta dissertação serve a dois propósitos: mostrar Freud em ação — construindo metapsicologia — e abrir caminho para o estudo dessa instância fascinante,

⁶ Cf. Green, A., *Propédeutique - la métapsychologie revisitée*, (1995), p.7

⁷ Freud, S., *Carta a Flicss n° 84*, (1898), p.369-70

estudo esse que consideramos de suma importância para a vitalidade da psicanálise.

Em nossa dissertação, ressaltamos os mais diversos desenvolvimentos teóricos freudianos, sem a intenção de resolver as contradições ou diferenças marcantes entre eles. Queremos sim, apresentar os percursos de construção do supereu — que não resultam em uma teoria pronta e acabada — buscando conhecer e sistematizar as considerações freudianas acerca desta instância.

Com este objetivo, realizamos um mapeamento dos mecanismos psíquicos relacionados ao supereu. E muito cedo, em nossa pesquisa, descobrimos que esses mecanismos abrangem a quase totalidade dos processos psíquicos, graças à posição onisciente ocupada por essa instância no psiquismo — o supereu sabe dos movimentos psíquicos, sabe do desejo, e a especificidade desse saber é que ele implica a participação do supereu, de uma forma ou de outra, em todos os principais mecanismos psíquicos.

Constatamos que o estudo do supereu tem relevância indiscutível no que ^{conclusão} concerne à inextrincável articulação de teoria e prática em Psicanálise. Seus domínios se alicerçam no terreno da segunda tópica, no além do princípio do prazer, nas incidências da pulsão de morte, se estendem até o gozo do sintoma e, ao mesmo tempo, ele está intimamente relacionado com a pulsão de vida, pois começa a formar-se com a própria linguagem, que caracteriza o humano, é veiculada pelo amor, e funda a cultura.

Por tudo isso, o supereu se insere como peça fundamental na arquitetura e na construção de uma direção ética da psicanálise. Ocupa o centro da cena no que se refere à dimensão da clínica, e mesmo da cura, em psicanálise. Isso é corroborado especialmente na Conferência XXXI, onde Freud afirma, em relação a esta práxis, o seguinte: “Seu propósito é, na verdade, fortalecer o eu, fazê-lo mais independente do supereu, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorar-se de novas partes do isso. Onde estava o isso ali estará o eu”.⁸ Nesta noção de um eu mais independente do supereu, está implícita a idéia de tornar, através da análise, o supereu mais impessoal, isto é, o mais afastado possível do peso das representações dos primeiros objetos de amor, peso este que mantém o eu sob sujeição infantil.

Em nosso projeto inicial de pesquisa pretendíamos estudar, especificamente, o supereu na neurose obsessiva. Notamos que, nos textos em que Freud se dedica às questões que se articulam em torno da neurose obsessiva, há uma série de expressões, questões e mecanismos que concernem ao que veio a estar no campo de ação do supereu a partir de 1923. Naqueles textos, foram se esboçando conceitos que se tornaram fundamentais para a psicanálise — representação incompatível, retorno do recalcado, sentimento inconsciente de culpa, falsa ligação, consciência moral, culpa, punição e angústia — e que, entre outros termos e idéias, tais como tabu e imperativo categórico, foram surgindo e

⁸ Freud, S. Conferência XXXI (1933), p. 102.

prelucendo a necessidade de postular o supereu, que faz interseção com todos eles. Ou seja, desde os textos mais iniciais da obra freudiana, há várias interfaces com o supereu quando se lida com a neurose obsessiva.

Abandonamos, ou adiamos, esse tema simplesmente por havermos constatado que desconhecíamos a dimensão que um estudo do supereu pode ter, em importância e em extensão. Pensávamos que o supereu na neurose obsessiva era um recorte, mas não sabíamos que, para seguir esse recorte, seria importante que tivéssemos mais conhecimento, da instância e da neurose, do que seria possível no tempo de que dispúnhamos. Não caberia, nos dois sentidos, desenvolver os dois temas em uma dissertação de mestrado. Fizemos, então, a opção pelo supereu, e o amor se apresentou como tema adjacente.

Questões como a teoria das pulsões, as relações da primeira com a segunda tópica, a teoria do recalque, e as relações do supereu com o imperativo categórico kantiano, não foram aprofundadas precisamente para viabilizar nossa proposta, que já é ampla o suficiente. A distinção entre o eu ideal e o ideal do eu não foi buscada em outros autores para nos mantermos fiéis à proposta de apresentar uma leitura dos percursos freudianos, onde este tema nunca configurou uma teoria.

Pelas características que envolvem a teorização sobre o supereu em Freud, especialmente a ausência de sistematização, há algo de arbitrário na forma e na divisão dos capítulos, a própria escolha dos temas não é guiada por exigências

intrínsecas ao estudo do supereu. Portanto, cada capítulo abriga um tema e teorizações que foram sendo delineados durante o percurso da pesquisa, e não definem nenhuma orientação necessária.

No primeiro capítulo, buscamos apresentar os principais desenvolvimentos teóricos concernentes ao supereu. Rastreando os papéis que o supereu desempenha nas relações de interdependência do psiquismo, realizamos uma seleção das considerações metapsicológicas relacionadas ao supereu. Partimos das considerações iniciais, em O Ego e o Id, e percorremos uma série de outros trabalhos considerados fundamentais para uma apresentação extensa da instância superegóica na obra de Freud.

No segundo capítulo, tratamos do supereu em suas relações com a cultura concentrado-nos nas hipóteses sobre o supereu na segunda tópica, buscando esclarecer a natureza do sentimento inconsciente de culpa. Tomamos como base o texto O Mal-estar na Civilização, expondo o papel que as influências internas e externas desempenham no antagonismo entre as exigências da pulsão e as restrições da civilização.

No terceiro capítulo, destacamos o lugar do supereu no masoquismo moral, o que serve para apresentar a relação do supereu com a pulsão de morte. Com este propósito recorremos ao texto O Problema Econômico do Masoquismo, no qual Freud descreve de maneira mais completa o fenômeno do masoquismo.

No quarto capítulo, acompanhamos Freud em suas colocações sobre o

surgimento da angústia de castração, desde a angústia infantil até a angústia patológica, assinalando sempre o enlace entre angústia, supereu e amor.

No quinto capítulo, fazemos nossas apreciações em torno do amor, da necessidade de ser amado, como base do funcionamento neurótico, situando nisso o supereu. Trabalhamos neste capítulo o texto Sobre o Narcisismo: uma introdução, relacionando o supereu tanto com o amor de si, narcísico, como com o amor do outro, objetal. Buscamos desta forma revelar a ligação entre supereu, narcisismo e sintoma. É um capítulo menos estritamente ligado ao texto freudiano, no sentido de que nele aparecem algumas cogitações de nossa autoria, a partir do que conhecemos e sistematizamos.

Na conclusão desta dissertação, trabalhamos as vicissitudes do supereu e do amor na transferência. É o nosso capítulo mais explicitamente relacionado à clínica e que, além de conter nossas considerações finais, nos parece uma conclusão pertinente por demonstrar a importância do estudo do supereu para a dimensão da clínica psicanalítica, ou seja, o uso instrumental desse estudo.

I. A INSTÂNCIA SUPEREGÓICA: considerações metapsicológicas

Neste capítulo, seguiremos principalmente as teorizações inaugurais da segunda tópica, com o objetivo de apresentar os vários papéis que o supereu desempenha nas relações de interdependência do psiquismo. Algumas considerações metapsicológicas freudianas de outros momentos também serão mencionadas, sempre visando uma apresentação dessa instância. O Ego e o Id, de 1923, é o trabalho de Freud onde a nova descrição do funcionamento da mente, que caracteriza a segunda tópica, é estabelecida. É nesse contexto que aparece pela primeira vez o termo supereu.

Freud abre o terceiro capítulo apresentando esta instância. O supereu é descrito como uma nova complicação, que não permite que as formulações sejam tão simples e esquemáticas quanto afirmar que o eu é uma parte do isso modificada através do sistema perceptivo, representando o mundo externo real no psiquismo.

As considerações que nos levaram a presumir a existência de uma gradação no eu, uma diferenciação dentro dele, que pode ser chamada de 'ideal do eu' ou 'supereu', foram enunciadas em outro lugar⁹. Elas ainda são válidas. O fato de que essa

⁹ Cf. Freud, S., Sobre o Narcisismo: uma introdução e Psicologia de Grupo e Análise do Ego, p.164. A esse respeito, ver também a introdução do editor inglês a O Ego e o Id, p.20-22

parte do eu está menos firmemente vinculada à consciência é a novidade que exige explicação.¹⁰

No primeiro capítulo, o eu é apresentado como uma organização coerente de processos mentais à qual a consciência se acha ligada, e que controla as vias de abordagens à descarga de excitações para o mundo externo. Nele, Freud caracteriza o eu como a instância de onde procedem os recalques “por meio dos quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade”.¹¹ Em seguida, abordando a questão da resistência, que emana do eu e pertence a ele, distingue uma situação que qualifica de imprevista e que prenuncia o supereu como “algo no próprio eu que é também inconsciente,¹² que se comporta exatamente como o recalcado — isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tomado consciente”.¹³ Em outra referência similar, e que diz respeito também ao supereu, ele afirma que uma parte do eu é indubitavelmente inconsciente.¹⁴

¹⁰ Freud, S., *O Ego e o Id*, (1923), p.42

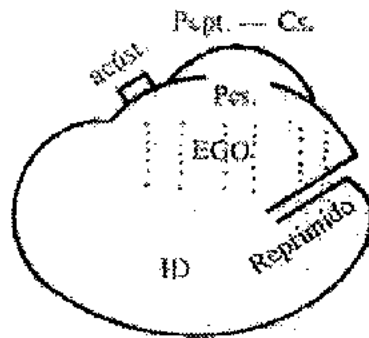
¹¹ Id. *ibid.*, p.29

¹² Destacamos, por sua simplicidade, a definição de *inconsciente* como “...um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor — devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos —, mas do qual nada sabemos. (...) denominamos inconsciente um processo se somos obrigados a supor que ele está sendo ativado *no momento*, embora *no momento* não saibamos nada a seu respeito” Id, *Conferência XXXI*, (1933), p.90

¹³ Freud, S., *O Ego e o Id*, (1923), p.30

¹⁴ Cf. Id., *ibid.*, p.30. Ver também na *Conferência XXXI*, p.90, onde Freud volta a dizer que “...grande parte do eu e do supereu pode permanecer inconsciente e é normalmente inconsciente. (...) É um fato que o eu e o consciente, o recalcado e o inconsciente não coincidem” Essa é indubitavelmente uma das descobertas que exigiu a reformulação metapsicológica representada pela segunda tópica.

Freud representa graficamente o estado de coisas que descreve nos dois primeiros capítulos, fazendo a ressalva de que a forma adotada é apenas um recurso didático, não tem nenhuma razão prática específica, e serve apenas para expor de algum modo sua nova descrição da mente.¹⁵ A seguir, reproduzimos o esboço gráfico proposto em 1923:



Esse esboço representa o eu como uma parte do isso¹⁶ que foi modificada pela influência do mundo externo, através do sistema *Pcpt.-Cs.*. Uma vez modificado, o eu tenta submeter o isso às influências do mundo externo, promovendo assim a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade. Vale ressaltar que, na relação entre o eu e o isso, o eu tem o acesso e o controle à motilidade e, ao mesmo tempo, o “hábito de transformar em ação a

¹⁵ Freud propõe também a substituição da idéia de que as neuroses são derivadas de um conflito entre o consciente e o inconsciente por uma nova antítese, dessa vez entre o eu coerente e o reprimido que é expulso dele. Tornando a questão mais complexa, acrescenta que o inconsciente não coincide com o reprimido; tudo o que é reprimido é inconsciente, mas nem tudo o que é inconsciente é reprimido.

¹⁶ recomendamos ver definição de *isso (id)* na p. 92 da Conferência XXXI

vontade do isso, como se fosse sua própria”¹⁷, ou seja, não pode evitar servir ao “mundo interno” tanto quanto ao externo, ainda que por razões aparentemente diversas.

No segundo capítulo, quando Freud acrescenta que talvez o eu use um “receptor acústico”,¹⁸ anuncia também algo que tem relação com o supereu, que não aparece explicitamente no esboço gráfico proposto nesse texto, mas se faz representar por esse receptor acústico, receptor da linguagem e da cultura. Mais tarde, no capítulo V, Freud desenvolve a vinculação entre o supereu e a linguagem¹⁹:

*eu - supereu -
origem = voz*

Considerando a importância que atribuímos aos resíduos verbais pré-conscientes no eu, surge a questão de saber se pode ser o caso que o supereu, na medida em que é inconsciente, consista em tais representações verbais e, se não, em que mais consiste. Nossa tentativa de resposta será que é impossível, tanto para o supereu como para o eu, negar sua origem a partir das coisas que ouviu; pois ele é parte do eu e permanece acessível à consciência (*consciousness*) por via dessas representações verbais (conceitos, abstrações). Porém, a *energia do investimento* não chega a esses conteúdos do

¹⁷ Id, *O Ego e o Id*, (1923), p.39

¹⁸ Id. *ibid.*, p.38

¹⁹ Em 1940, Freud reforça a idéia da vinculação do supereu com a linguagem ao afirmar que, apesar do estado pré-consciente se caracterizar pelo acesso à consciência e pela vinculação com os resíduos da fala, sua natureza vai além dessas características; ele apresenta como prova “o fato de que grandes porções do eu, e particularmente do supereu, a que não se pode negar a característica de pré-consciência, permanecem, não obstante, em sua maior parte, inconscientes no sentido fenomenológico da palavra”. Freud, S., *Esboço de Psicanálise*, (1940), p.188. Até aqui Freud havia caracterizado o estado pré-consciente pela vinculação com representações verbais. Podemos entender que há uma reformulação desta posição porque o supereu, apesar de obviamente ser ligado ao verbal, ou estruturado verbalmente, ainda assim é inconsciente.

supereu a partir da percepção auditiva (educação ou leitura), mas de fontes no isso.²⁰

Além do receptor acústico, ainda no segundo capítulo, podemos discernir nas “faculdades de autocritica e consciência” outro fenômeno, o sentimento inconsciente de culpa, que prepara a introdução do supereu. Freud afirma que essas faculdades “são inconscientes e inconscientemente produzem efeitos da maior importância”²¹; é a partir dessa constatação, que Freud aborda o “sentimento inconsciente de culpa”.²² Em seguida, faz uma observação que concerne a um aspecto do supereu na clínica das neuroses: “Chegamos a perceber que, num grande número de neuroses, um sentimento inconsciente de culpa desse tipo desempenha um papel econômico decisivo e coloca os obstáculos mais poderosos no caminho do restabelecimento”.²³

A idéia, apenas esboçada aqui, do supereu como agente da resistência, é desdobrada no quinto capítulo, onde Freud considera o sentimento inconsciente de culpa não só como responsável pela reação terapêutica negativa, mas também considera que “pode ser precisamente este elemento da situação, a atitude do

²⁰ Id., *O Ego e o Id*, (1923) p.69

²¹ Id., *ibid*, p.41

²² Abordaremos mais adiante o momento em que Freud por considerar “psicologicamente incorreto” o termo sentimento inconsciente de culpa propõe sua substituição por uma “necessidade de punição” cf. *O Problema Econômico do Masoquismo*, p.208. Ver também *O Ego e o Id*, p.35-7 e *O Inconsciente*, p.203-4.

²³ Freud, S., *O Ego e o Id*, (1923), p.41

ideal do eu [supereu], que determina a gravidade da doença neurótica".²⁴ Em 1925, Freud irá retomar essa questão responsabilizando o supereu por uma forma específica de resistência:

A quinta [resistência], proveniente do supereu e a última a ser descoberta, é também a mais obscura, embora nem sempre a menos poderosa. Parece originar-se do sentimento inconsciente de culpa ou da necessidade de punição, opondo-se a todo movimento no sentido do êxito, inclusive, portanto, à recuperação do próprio paciente pela análise.²⁵

A solução do enigma de como o supereu pode permanecer inconsciente e inacessível ao eu será dada por Freud através da comunicação intensa entre o supereu e as moções pulsionais. Pois é o investimento do complexo de Édipo, provindo do isso, que vai reforçar diretamente a formação reativa do supereu. Desse modo, o supereu pode atuar sobre o eu como representante do isso, utilizando o investimento pulsional do próprio isso aliado aos resíduos objetivos do eu. É por essa razão que o supereu, enraizado no isso, está mais distante da consciência do que o eu.

Ao considerar a origem do supereu, Freud reconhece que ele resulta de um fator biológico e de um fator histórico, respectivamente, o prolongado período de

²⁴ Id., *ibid.*, p.66-7

²⁵ Id., *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, (1926), p.185

desamparo e dependência na infância, e o complexo de Édipo.²⁶ Na forma mais esquemática do complexo de Édipo, inicialmente o menino se identifica com o pai e mantém uma relação afetiva com a mãe. Quando o pai é percebido como obstáculo e o investimento objetal na mãe é, idealmente, abandonado, pode surgir tanto uma identificação com a mãe quanto a intensificação da identificação com o pai. Entretanto, Freud nos adverte que o menino “também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetiva feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe”.²⁷ A modificação do eu, ou o precipitado que se forma no eu, que consiste na união dessas duas identificações, “retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do eu como um ideal do eu ou supereu”.²⁸

Há um outro aspecto duplo do supereu, derivado do fato dessa instância dever sua existência à função revolucionária de recalcar o complexo de Édipo. O supereu é simultaneamente representante dos investimentos e dos contra-investimentos edípicos:

O supereu, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do isso; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o eu não se exaure com o preceito: ‘Você *deveria ser* assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é,

²⁶ Cf. Id., *O Ego e o Id*, (1923), p.49

²⁷ Id., *ibid.*, p.47-8

²⁸ Id., *ibid.*, p.49

você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.²⁹

Fortificando-se para a execução do recalque, o eu infantil utiliza a força do pai para erguer um obstáculo interno contra seus desejos.³⁰ Dessa forma, Freud anuncia um relevante paradoxo:

O supereu retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir ao recalque (...), mais severa será posteriormente a dominação do supereu sobre o eu, sob a forma de consciência (*conscience*) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa.³¹

Freud se surpreende com o fato de que um aumento desse sentimento inconsciente de culpa possa chegar a transformar pessoas em criminosos. Ao contrário do que o senso comum indicaria, o poderoso sentimento de culpa é o motivo do crime, e não o resultado, uma vez que existia já antes do crime. “É como se fosse um alívio poder ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo

²⁹ Id., *ibid.*, p.49. Nasio afirma sobre isso: “Ora, não é tanto por desejar que o eu se torna culpado, mas por ser incapaz de responder a duas exigências opostas e simultâneas do supereu tirânico. De um lado, ele tem que se submeter à demanda premente de uma voz que o exorta a gozar, e, de outro, tem que obedecer a uma segunda voz que, ao contrário proíbe-o de gozar. Diante do supereu que exorta, o eu é culpado de não realizar seu desejo: é uma falta por insuficiência; e, diante do supereu que proíbe e condena, ele é culpado de estar a ponto de realizar esse desejo: é uma falta por excesso. Duplamente culpado aos olhos do supereu, por não consumir seu desejo e, inversamente, por chegar perto demais de consumá-lo, o eu, paralisado, fica encerrado em torno do confronto das duas demandas antagônicas do supereu.” Nasio, J.D. Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise, p.138.

³⁰ Cf. Freud, S., Esboço de Psicanálise, (1940), p.171 e Id., Moisés e o Monoteísmo, (1939), p.142

³¹ Id., O Ego e o Id, (1923) p.49

real e imediato”³². O sentimento de culpa consciente também expressa o caráter reprovador do supereu e manifesta a perpétua tensão entre o eu e o supereu. Mas Freud sugere que há uma tendência normal do sentimento de culpa a permanecer em grande parte inconsciente, devido à vinculação da consciência moral com o complexo de Édipo, que é da ordem do inconsciente.³³

Freud considera que a diferenciação do supereu, a partir do eu, representa as características mais importantes do desenvolvimento do indivíduo e da espécie, posto que é uma garantia de continuidade da influência paterna que lhe deu origem. Na qualidade de representante das relações com os pais, o supereu é a forma encontrada para introjetar aquilo que foi amado e temido na infância.

O supereu deve sua posição especial no eu, ou em relação ao eu, a um fator que deve ser considerado sob dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o eu ainda era fraco; e por outro lado é o herdeiro do complexo, assim introduziu os objetos mais significativos no eu.³⁴

Em relação à identificação, é importante dizer que, na elaboração da segunda tópica, Freud retoma a explicação dada em 1915, em Luto e Melancolia. Nesse texto, aborda a melancolia a partir da suposição de “que um investimento

³² Id., *ibid.*, p.69. Ver também Dostoievski e o Parricídio, (1928), p.215.

³³ Cf. Id., O Ego e o Id, (1923), p.68

³⁴ Id., *ibid.*, p.64

de objeto foi substituído por uma identificação”.³⁵ Somente mais tarde se constatou “que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo eu”,³⁶ e também na forma tomada pelo supereu.

Essa afirmação introduz questões que concernem ao supereu, uma vez que, num momento primordial, a identificação e o investimento de objeto não se distinguem e o “eu, que inicialmente ainda é fraco, dá-se conta dos investimentos do objeto, e sujeita-se a eles ou tenta desviá-los pelo processo de recalque”³⁷. Processo no qual, como estamos vendo, o supereu está sempre de alguma forma implicado. O que Freud faz aqui é dar maior generalidade aos mecanismos da melancolia, considerando-os constitutivos do eu, como podemos ver nessas hipóteses que tratam de mecanismos psíquicos próprios da formação do eu:

Quando acontece uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu eu que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do eu, tal como ocorre na melancolia; (...) Pode ser que, através dessa introjeção, que constitui uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o eu torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível esse processo. Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o isso pode abandonar os seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito freqüente, e torna possível supor que o caráter³⁸ do eu é

³⁵ Id., *ibid.*, p.42

³⁶ Id., *ibid.*, p.43

³⁷ Id., *ibid.*, p.43

³⁸ Sobre isso ver *Conferência XXXII*, (1933), p.114, onde Freud diz que a formação do supereu contribui para a constituição do caráter.

um precipitado de investimentos objetais abandonados e que ele contém a história dessas escolhas de objeto.³⁹

Tanto o eu quanto o supereu se constituem a partir de identificações. Transformar uma escolha objetal erótica numa alteração do eu constitui um método pelo qual o eu pode obter controle sobre o isso, ainda que se sujeitando às suas exigências. Na tentativa de compensar a perda do isso, o eu assume as características do objeto de modo a se colocar em seu lugar, forçando-se como objeto de amor. “A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização — uma espécie de sublimação, portanto”.⁴⁰ Essa dessexualização é de fato, em última instância, uma renúncia pulsional, suportável graças aos deslocamentos de energia que possibilitam reduzir a intensidade da pulsão, evitando o desprazer.

Dado que, além de lidar com o isso, o eu tem que levar em conta não somente as contingências do mundo externo mas também as objeções do supereu, observamos conseqüências diversas em termos de economia libidinal, dependendo de qual “amo” está no controle. As renúncias exigidas a partir da relação com o mundo externo causam apenas desprazer, enquanto que, quando se trata da intervenção do supereu, o deslocamento de energia que acompanha o

³⁹ Freud, S., *O Ego e o Id*, (1923), p.43

⁴⁰ Id., *ibid.*, p.44

desprazer traz ao eu “um rendimento de prazer, uma satisfação substitutiva, por assim dizer”.⁴¹

O eu se sente elevado; orgulha-se da renúncia pulsional, como se ela constituísse uma realização de valor. Acreditamos que podemos entender o mecanismo desse rendimento de prazer. (...) Tal como na infância, o eu fica apreensivo em pôr em risco o amor de seu senhor supremo; sente sua aprovação como libertação e satisfação, e suas censuras como tormentos de consciência. *Quando o eu traz ao supereu o sacrifício de uma renúncia pulsional, ele espera ser recompensado recebendo mais amor deste último.* A consciência de merecer esse amor é sentida por ele como orgulho. Na época em que a autoridade ainda não fora internalizada como supereu, poderia ter havido a mesma relação entre a ameaça de perda do amor e as reivindicações da pulsão; havia um sentimento de segurança e satisfação quando se conseguia uma renúncia pulsional por amor aos pais. Mas esse sentimento feliz só poderia assumir o peculiar caráter narcísico de orgulho depois que a própria autoridade se tivesse tornado parte do eu.⁴²

A introdução dos objetos mais significativos no eu não pode ser desvinculada da crença na ameaça de castração, que põe fim ao complexo de Édipo. Assim, o medo que o supereu infunde ao eu tem como núcleo o medo da castração, sobretudo porque a ameaça de castração equivale à perda de amor.

⁴¹ Id. Moisés e o Monoteísmo, (1939), p.142. Sobre isso notar também que “A oposição entre o princípio de prazer e o desejo, entretanto, já estava presente de forma embrionária em toda a teoria do recalque, já que é em nome de uma evitação do desprazer que o recalque opera, deslocando a satisfação do desejo para uma nova forma de satisfação que se dá no retorno do recalcado.” Rudge, A.M., Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, (1998), p.58

⁴² Freud, S. Moisés e o Monoteísmo, (1939), p. 139-40. O grifo é meu.

Para o eu, portanto, viver significa o mesmo que ser amado — ser amado pelo supereu, que aqui, mais uma vez, aparece como representante do isso. O supereu preenche a mesma função de proteger e salvar que, em épocas anteriores, foi preenchida pelo pai e, posteriormente, pela Providência ou Destino⁴³.

Freud chega a afirmar que a angústia neurótica comum é reforçada pela emergência de angústia entre o eu e o supereu, onde se equivalem o medo da castração, da consciência e da morte. Essas considerações vêm ressaltar a origem da posição de comando do supereu em relação ao eu:

Embora ele (supereu) seja acessível a todas as influências posteriores, preserva, não obstante, através de toda a vida, o caráter que lhe foi dado por sua derivação do complexo paterno — a saber, a capacidade de manter-se à parte do eu e dominá-lo. Ele constitui uma lembrança da antiga fraqueza e dependência do eu, e o eu maduro permanece sujeito à sua dominação. Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o eu se submete ao imperativo categórico do seu supereu.⁴⁴

Como já dissemos, Freud destaca que a identificação com o pai, que modela o supereu, tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma

⁴³ Id., *O Ego e o Id*, p.75

⁴⁴ Id., *ibid.*, p.64. A esse respeito, notar que: “O supereu cruel não parece ser o herdeiro do complexo de Édipo, beneficiário de seu enterro, supereu que refletiria uma resolução satisfatória do conflito edípico através de identificações. É justamente em sua face de crueldade, de um imperativo impossível de atender e que sempre redonda na culpabilidade do sujeito, por maior que seja sua obediência, que o supereu é aproximado do imperativo categórico.” Rudge, A.M., *Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*, (1998) p.58-9

sublimação. Esta sublimação implica em uma des fusão pulsional que libera a agressividade inerente à pulsão de morte, a qual, por sua vez, vai gerar o caráter cruel do supereu. “Essa des fusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal [supereu] — o seu ditatorial ‘farás’.”⁴⁵

Ao esforço moral do eu enquanto representante do mundo externo, e à natureza totalmente amoral do isso, se sobrepõe a supermoralidade do supereu enquanto representante ditatorial da lei paterna. Assim sendo, o componente destrutivo da pulsão se manifesta como sadismo do supereu em relação ao eu. “...o homem normal não apenas é muito mais imoral do que crê, mas também muito mais moral do que sabe.”⁴⁶

Freud contraria novamente o senso comum ao afirmar que os padrões que edificam o supereu não funcionam como uma contenção da agressividade, mas operam “um deslocamento, uma volta contra seu próprio eu. (...) É disso em verdade que surge a concepção de um ser superior que distribui castigos inexoravelmente”⁴⁷.

Vimos que as identificações que formam o supereu são de dois tipos, e se dão em momentos diversos. As vicissitudes da formação do supereu explicam

⁴⁵ Freud, S., *O Ego e o Id*, (1923) p.71

⁴⁶ Id., *ibid.*, p.68

⁴⁷ Id., *ibid.*, p.71

por que os conflitos primevos que ocorrem entre o eu e os investimentos objetivos do isso são reproduzidos pelos conflitos entre o eu e o supereu⁴⁸.

O ideal do eu [*supereu*], portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do isso. Erigindo esse ideal do eu [*supereu*], o eu dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao isso. Enquanto que o eu é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o supereu coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do isso. Os conflitos entre o eu e o ideal [*supereu*], como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno.⁴⁹

É interessante notar que, apesar de boa parte de O Ego e o Id ser dedicada a explicitar os processos de formação e as relações dependentes do eu, no final do capítulo V, Freud ressalta que ainda existem obscuridades:

Todas as experiências da vida que se originam do exterior enriquecem o eu; o isso, contudo, é o seu segundo mundo externo, que ele se esforça por colocar em sujeição a si. Ele retira libido do isso e transforma os investimentos objetivos deste em estruturas do eu. Com a ajuda do supereu, *de uma maneira que ainda nos é obscura*, ele [o eu] se vale das experiências de épocas passadas armazenadas no isso.⁵⁰

⁴⁸ Cf. Id., *ibid.*, p.53

⁴⁹ Id., *ibid.*, p.51, o grifo é meu

⁵⁰ Id., *ibid.*, p.72, o grifo é meu.

As teorizações inaugurais da segunda tópica, que estivemos acompanhando, abrem caminho para trazermos, de momentos diversos da obra de Freud, outras considerações metapsicológicas. Fazemos isso com o intuito de acompanhar algumas reflexões sobre o papel do supereu nas relações de interdependência do psiquismo, que ainda servem para a apresentação da instância superegóica a que nos propusemos neste capítulo.

Em 1924, Freud busca rever sua teoria das neuroses à luz da nova diferenciação do aparelho psíquico proposta no ano anterior. No texto Neurose e Psicose comenta as vantagens conquistadas com a segunda tópica, fazendo a ressalva de que “no que concerne à origem e papel do supereu (...) bastante coisa permanece obscura e não elucidada.”⁵¹ Tomemos, inicialmente, os interesses narcísicos que participam do abandono, sempre parcial, do complexo de Édipo e as relações do supereu com o recalque, defesa neurótica por excelência.

A participação dos interesses narcísicos no processo de abandono do complexo de Édipo é um assunto que conduz a algumas considerações que são de especial interesse para o nosso tema — o supereu e o amor. A força da necessidade de preservação narcísica pode ser sintetizada da seguinte forma:

⁵¹ Freud, S., Neurose e Psicose, (1924), p. 189

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e o investimento libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o eu da criança volta as costas ao complexo de Édipo.⁵²

Freud descreve, do ponto de vista do desenvolvimento sexual infantil, a subsequente introdução no período de latência, de uma forma que faz pensar imediatamente na essência do paradoxo superegótico:

Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital — afastou o perigo de sua perda — e, por outro, paralisou-o — removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança.⁵³

Freud considera a disposição bissexual um aspecto relevante entre as pré-condições para a neurose; ela também concerne ao supereu. Em Dostoievski e o parricídio, encontramos uma passagem que serve para apresentar essa questão. Freud afirma que o temor ao pai torna o ódio por ele inaceitável. A temível castração pode acontecer como punição, se o indivíduo insistir no amor pela mãe, ou como preço do amor, caso ele se disponha a se entregar ao pai. Freud acrescenta:

⁵² Id., A Dissolução do Complexo de Édipo, (1924), p.221

⁵³ Id., ibid., p.221

Dos dois fatores que recalcam o ódio pelo pai, o primeiro, ou seja, o medo direto da punição e da castração, pode ser chamado de normal⁵⁴; sua intensificação patogênica só parece surgir com o acréscimo do segundo fator, o temor à atitude feminina. Dessa maneira, uma forte disposição bissexual inata se torna uma das pré-condições ou reforços da neurose.⁵⁵

Freud afirma que a origem de toda neurose é a mesma: uma não realização de um dos fortes desejos da infância que nunca são vencidos. Como já vimos, em última instância, essa frustração é sempre externa, mas, no indivíduo, procede do supereu enquanto agente interno que, entre outras coisas, representa as exigências da realidade.⁵⁶ Em toda neurose de transferência, o eu entra em conflito com o isso a serviço do supereu e do mundo externo.⁵⁷

Um enfraquecimento do eu é pré-condição *sine qua non* aos estados patológicos; é o que Freud dirá posteriormente, em 1940.⁵⁸ *Freud morreu em 1939* Esse enfraquecimento impossibilita ao eu que realize suas tarefas. Nessa situação as reivindicações pulsionais do isso têm o papel mais severo, "mas, as exigências feitas pelo supereu também podem tornar-se tão poderosas e inexoráveis que o eu pode ficar paralisado, por assim dizer, frente às suas outras tarefas."⁵⁸

Freud tece uma importante consideração metapsicológica relacionada a esse fato ao afirmar que o eu empreende o recalque seguindo as ordens do

⁵⁴ Esta palavra, aparece equivocadamente grafada **anormal** na ESB, confirmamos que a versão correta é **normal** na Standard Edition, The Hogarth Press - London, edição de 1975.

⁵⁵ Freud, S., Dostoiévski e o parricídio, (1928), p.212-3.

⁵⁶ Cf. Id., Neurose e Psicose, p. 191-2

⁵⁷ Cf. Id., ibid., p.190

⁵⁸ Id., Esboço de Psicanálise, (1940), p.199

supereu. Em outros momentos de sua obra, o eu foi considerado a instância responsável por colocar o recalque em movimento, bem como por sua manutenção. Aqui o supereu ganha um papel de destaque na gênese desse mecanismo:

Não é contradição que, empreendendo o recalque, no fundo o eu esteja seguindo as ordens do supereu, ordens que, por sua vez, se originam de influências do mundo externo que encontraram representação no supereu. Mantém-se o fato de que o eu *tomou* o partido dessas forças, de que nele as exigências delas têm mais força que as exigências pulsionais do isso, e que o eu é a força que põe o recalque em movimento contra a parte do isso interessada e fortifica o recalque por meio do contrainvestimento da resistência. O eu entrou em conflito com o isso, a serviço do supereu, e da realidade, e esse é o estado de coisas em toda neurose de transferência.⁵⁹

Discutindo a origem da resistência, Freud conjectura que a tendência ascendente do recalcado, isto é, o impulso em direção à consciência, demonstra a impossibilidade de se atribuir a resistência ao inconsciente, e volta a colocar o supereu como pivô do trabalho do recalque.

A resistência só pode ser manifestação do eu, que originalmente forçou o recalque e agora deseja mantê-lo.(...) chegamos a supor uma instância especial no eu, o supereu, o qual representa as exigências de caráter restritivo e objetável; podemos dizer que o recalque é o trabalho desse supereu, e que é efetuado ou por este mesmo, ou pelo eu, em obediência a ordens dele.⁶⁰

⁵⁹ Id., *Neurose e Psicose*, p.190

⁶⁰ Id., *Conferência XXXI* (1936) p.88

Freud sintetiza o afastamento que a criança realiza, voltando as costas ao complexo de Édipo, como uma substituição dos investimentos objetais por identificações: “a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no eu e aí forma o núcleo do supereu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o eu do retorno do investimento libidinal.”⁶¹

Ao discutir o processo de dissolução do complexo de Édipo, Freud especula acerca de um ideal de destruição e abolição do complexo, em relação ao qual o recalque deixa muito a desejar. “Se o eu, na realidade, não conseguiu muito mais que um recalque do complexo, este [o desejo] persiste em estado inconsciente no isso e manifestará seu efeito patogênico”.⁶² No mesmo texto, Freud situa a participação do supereu no processo de recalque, em momentos posteriores ao do desenlace edípico: “...não vejo razão para negar o nome de ‘recalque’ ao afastamento do eu diante do complexo de Édipo, embora recalques posteriores ocorram pela maior parte com a participação do supereu que, nesse caso, está apenas sendo formado.”⁶³

É inegável que o supereu aparece muito nas cenas que envolvem o recalque. Mas, em contrapartida, em 1926, Freud chama a atenção para o perigo de se superestimar o papel desempenhado pelo supereu no recalque. Justifica esse

⁶¹ Id., A Dissolução do Complexo de Édipo, (1924), p.221

⁶² Id., *ibid.*, p.222

⁶³ Id., *ibid.*, p.221

cuidado com a hipótese de que, muito provavelmente, o que provoca o recalque primitivo são fatores econômicos, como por exemplo uma força excessiva de excitação.

Não podemos no momento dizer se seria o surgimento do supereu que proporciona a linha de demarcação entre o recalque primitivo e a pressão posterior. Seja como for, as primeiras irrupções de angústia, que são de natureza muito intensa, ocorrem antes de o supereu tornar-se diferenciado.⁶⁴

É somente após a diferenciação do supereu, que um sintoma pode ser produzido. A presença de um sintoma pode ter como consequência uma diminuição de capacidade egóica, que pode ser explorada para “apaziguar alguma exigência da parte do supereu ou para recusar alguma reivindicação proveniente do mundo externo.”⁶⁵ Em algumas considerações sobre o sintoma, vemos que é possível afirmar que o supereu é tanto causa como efeito do recalque:

Um sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de recalque. O recalque se processa a partir do eu quando este - pode ser por ordem do supereu - se recusa a associar-se com um investimento pulsional que foi provocado no isso.⁶⁶

⁶⁴ Id., *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, (1926), p.115-6

⁶⁵ Id., *ibid.*, p.121

⁶⁶ Id., *ibid.*, p.112

Sabemos que os sintomas neuróticos são “em sua essência, satisfações substitutivas para desejos sexuais não realizados.”⁶⁷ Além disso, os sintomas são sempre fortalecidos por uma quota de sentimento inconsciente de culpa, que se utiliza deles como punição. Freud considera plausível uma proposição inédita, ainda que, no seu entender, possa ser só uma aproximação à verdade: “...quando uma tendência pulsional experimenta o recalque, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa.”⁶⁸

Freud comenta, em 1926, a existência de inibições que servem para autopunição, como, por exemplo, as inibições de atividades profissionais, que trariam dinheiro e sucesso, que, em suas palavras: “trariam êxito e lucro, e isso são coisas que o severo supereu proibiu.”⁶⁹ O eu desiste dessas atividades para evitar entrar em conflito com o supereu.

Selecionamos um exemplo dessa paradoxal defesa contra o que dá prazer: em Um Distúrbio de Memória na Acrópole, Freud busca a causa de um fenômeno aparentemente contraditório. Por que *não* acreditar em alguma coisa que acontece se esse acontecimento promete um elevado grau de prazer? Se a incredulidade é um mecanismo que evidencia uma tentativa de repelir uma parte

⁶⁷ Id., O Mal-estar na Civilização, (1930), p.163

⁶⁸ Id., *ibid.*, p.163

⁶⁹ Id., Inibições, Sintomas e Ansiedade, (1926) p.110

da realidade, seria normal ativar esse mecanismo quando essa parte da realidade ameaçasse causar desprazer. Não sendo esse o caso, o motivo dessa conduta paradoxal será que “...o sofredor não se permite a felicidade (...) a pessoa não pode esperar que o Destino lhe proporcione algo tão bom.”⁷⁰ Freud demonstra que essa conduta não contrasta com a dos “arruinados pelo êxito”, aqueles que adoecem porque um desejo seu excepcionalmente intenso realizou-se. O motivo é que o Destino, “que esperamos nos trate tão mal, é materialização de nossa consciência, do severo supereu que há dentro de nós, sendo ele próprio um remanescente da instância primitiva de nossa infância.”⁷¹

Diante disso, abre-se um caminho que nos conduz a uma primeira interpretação da idéia freudiana de tornar o supereu mais impessoal, implícita no “mandato ético” de fazer o eu mais independente do supereu, mencionado em nossa introdução. Essa interpretação consiste em possibilitar que o indivíduo ‘amadureça’ suas atitudes e expectativas infantis frente ao supereu.

Desavenças entre o eu e o supereu são de grande importância na vida mental.(...) A saúde mental muito depende de o supereu ser normalmente desenvolvido — isto é, de haver-se tornado suficientemente impessoal. E é isso precisamente o que não ocorre nos neuróticos (...) O supereu deles ainda se confronta com seu eu como um pai rigoroso se defronta com um filho: e sua moralidade atua de maneira primitiva devido

⁷⁰ Id., *Um Distúrbio de Memória na Acrópole*, (1936), p.296

⁷¹ Id., *ibid.*, p.297

ao eu ser punido pelo supereu. A doença é empregada como um instrumento para essa 'autopunição'...⁷²

Algumas passagens da Conferência XXXI também merecem destaque por sua contundência e novidade. Nesse texto, Freud afirma que o supereu é a descrição de uma relação estrutural, e não somente uma abstração personificada como seria a noção de consciência. Nisto podemos perceber, no texto freudiano, o privilégio de uma postura de teorizar a partir da experiência, no sentido de buscar promover sempre uma articulação das construções metapsicológicas com as descobertas da clínica.⁷³

A função egóica de servir aos três senhores (isso, supereu e mundo externo), já esboçada em O Ego e o Id, é retomada textual e detalhadamente em 1933. Freud sublinha a divisão do eu a partir do advento do supereu, e, principalmente, destaca a condição do eu como objeto do supereu. A esse respeito, confirma o supereu como uma das três instâncias a que o eu deve subserviência.⁷⁴

Talvez seja proveitoso reproduzir o esquema no qual se configuram as relações estruturais do psiquismo. Nele, Freud ressalta a íntima associação do supereu com o isso, fazendo a ressalva de que não há fronteiras nítidas entre as instâncias psíquicas.

⁷² Id., A Questão da Análise Leiga, (1926) p.253-4

⁷³ Esta postura freudiana eventualmente se esvanece em meio a discussões epistemológicas e filosóficas contemporâneas que acabam se afastando da dimensão clínica da psicanálise.

⁷⁴ Cf., Id., Conferência XXXI, (1933), p.99

Não podemos fazer justiça às características da mente por esquemas lineares como os de um desenho ou de uma pintura primitiva, mas de preferência por meio de áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, segundo as apresentam artistas modernos.⁷⁵



Como o próprio esquema dá a entender, Freud fala, em Psicanálise, de “...um supereu que *se desenvolve do isso*, domina-o e representa as inibições da pulsão, que são características do homem”.⁷⁶ O interesse desta passagem está em nos lembrar que, quando Freud diz que o supereu é uma região diferenciada do eu, está sempre, em última análise, dizendo que ele se desenvolve do isso, já que o eu é, por sua vez, uma parte especialmente diferenciada do isso.

É indispensável destacar uma formulação que aparece uma única vez no corpo teórico-clínico da segunda tópica, mas que tem sido grandemente valorizada e desenvolvida entre os pós-freudianos. É ainda na Conferência XXXI

⁷⁵ Id., ibid., p.101

⁷⁶ Id., Psicanálise, (1926) p. 304, o grifo é meu.

que uma importante função é atribuída ao supereu: "É também o veículo do ideal do eu, pelo qual o eu se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir".⁷⁷ Se Freud costuma usar indiferenciadamente os termos supereu e ideal do eu, a forma como aborda, nesta passagem, a relação entre essas instâncias nos permite distinguir com clareza suas origens e funções. O ideal do eu "é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía".⁷⁸

A distinção entre supereu e ideal já se encontra insinuada em 1914, onde um agente observador prenuncia o supereu, como não idêntico ao ideal. Freud, com esse agente psíquico, encarregado da auto-observação, que equivale à consciência, já está indicando a necessidade de pensar o supereu:

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do eu, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o eu real, medindo-o por aquele ideal.⁷⁹

Em outros momentos é o próprio supereu que aparece como ideal. Em 1924, Freud afirma que o supereu se impõe como modelo ideal. Ao ressaltar o efeito complicador da existência do supereu, que atribui ao fato dessa instância

⁷⁷ Id., Conferência XXXI, (1933) p.84

⁷⁸ Id., ibid., p.84

⁷⁹ Id., Sobre o Narcisismo: uma introdução, (1914), p.112

conjugar influências do isso e do mundo externo, Freud afirma que, além disso, o supereu se impõe como modelo ideal para o eu — “um modelo ideal daquilo a que visa o esforço total do eu: uma reconciliação entre seus diversos relacionamentos dependentes.”⁸⁰

Vale sublinhar outro ponto, que aparece uma única vez em toda a obra freudiana. Em O Humor, Freud considera *textualmente* o supereu como núcleo do eu. O caráter inédito desta passagem e sua relevância metapsicológica serão utilizados mais adiante.

Esse eu não é uma entidade simples. Abriga dentro dele, *como seu núcleo*, um agente especial: o supereu. Às vezes, acha-se fundido com o supereu de maneira que não podemos fazer distinção entre eles, ao passo que, em outras circunstâncias, se acha nitidamente diferenciado dele.⁸¹

Outro tema, abordado por Freud na Conferência XXIX, é o papel do supereu na formação dos sonhos. Reconhecendo a censura dos sonhos como uma função superegóica, Freud vai mais além e define o papel dessa instância na própria construção dos sonhos. Se, desde o início, Freud postula que todo sonho é uma realização de desejo, é no supereu que ele encontra justificativa para os sonhos de punição que são “...realizações de desejo, embora não de desejos das

⁸⁰ Id., Neurose e Psicose, (1924), p.192

⁸¹ Id., O Humor, (1927), p.192, o grifo é meu

moções pulsionais, mas de desejos da instância crítica, censora e punidora da mente.⁸²

Finalmente, voltando ao texto de 1933, destacamos que as funções de auto-observação, consciência, e a de manter o ideal, ali atribuídas ao supereu,⁸³ colocam o supereu como “o representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição”.⁸⁴

⁸² Id., Conferência XXIX, (1933), p.41

⁸³ Id., Conferência XXXI, (1933), sobre isso ver nota 2 da p.84

⁸⁴ Id., *ibid.*, p.86

II. O SUPEREU EM SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA

Na qualidade de representante das restrições morais, o supereu é também o advogado das exigências da civilização. Nesse sentido, veremos que as hipóteses sobre o supereu servem para esclarecer a natureza do sentimento de culpa. Essas hipóteses advêm das investigações freudianas sobre a psicologia do eu, no contexto da segunda tópica, e possibilitam a avaliação do papel que as influências internas e externas desempenham no antagonismo entre as exigências da pulsão e as restrições da civilização — tema principal de O Mal-estar na Civilização. Nesse texto, Freud destaca sua

... intenção de representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa. Qualquer coisa que ainda soe estranha a respeito dessa afirmação, que constitui a conclusão final de nossa investigação, pode ser provavelmente localizada no relacionamento bastante peculiar — até agora completamente inexplicado — que o sentimento de culpa mantém com nossa consciência.⁸⁵

Freud sustenta que só devemos falar de consciência e de sentimento de culpa a partir da internalização da autoridade, que se dá através do estabelecimento do supereu, e considera este fenômeno uma grande mudança no

⁸⁵ Freud, S., O Mal-estar na Civilização, (1930), p.158-9

âmbito do psiquismo. O sentimento de culpa tem duas origens: a primeira, antes da internalização, é o medo de uma autoridade, que ordena a renúncia às satisfações pulsionais; a posterior, é o medo do supereu que, além disso, exige punição, mesmo que a partir apenas de desejos, uma vez que não é possível esconder desta instância os desejos interditados: “a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do supereu.”⁸⁶

Se o processo avançasse apenas até o momento anterior à internalização não adviria nenhum sentimento de culpa; é o medo da instância superegóica que acarreta inevitavelmente a instalação da culpa. Podemos depreender disso a admissão da impossibilidade de que se realize um ideal de abolição do complexo de Édipo: “Uma ameaça de infelicidade externa — perda de amor e castigo por parte da autoridade externa — foi permutada por uma permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa.”⁸⁷

A importância que Freud atribui às interrelações de desejo, medo e culpa, leva-o a elaborar uma seqüência cronológica:

Em primeiro lugar, vem a renúncia à pulsão, devido ao medo de agressão por parte da autoridade *externa*. (É a isso, naturalmente, que o medo da perda de amor equivale, pois o amor constitui proteção contra essa agressão punitiva.) Depois, vem a organização de uma autoridade *interna* e a renúncia à pulsão devido ao medo dela, ou seja, devido ao medo da consciência. Nessa segunda situação, as más

⁸⁶ Id., *ibid.*, p.151

⁸⁷ Id., *ibid.*, p.151

intenções são igualadas às más ações e daí surgem sentimento de culpa e necessidade de punição. A agressividade da consciência continua a agressividade da autoridade.⁸⁸

Nesse ponto, Freud explicita que não basta dizer que o medo de perder o amor da autoridade leva a pessoa a renunciar ao que é “mau”.⁸⁹ Antes de mais nada, porque, com freqüência, o que é “mau” é desejado pelo eu e dá prazer a ele. E ainda, porque o perigo da punição por parte de uma outra pessoa não bastaria para o eu se submeter ao que este outro decide que é bom ou mau. O verdadeiro motivo para aceitar essa influência é a desproteção a que a criança se vê exposta pela temida ausência de um outro que é mais forte, que protege. Em última análise, é na dependência decorrente do desamparo humano que encontramos o que dá sustentação ao medo da perda do amor e à conseqüente renúncia ao desejo.

A dinâmica do supereu faz com que a cada renúncia pulsional corresponda um aumento de severidade e de intolerância da consciência, que, está claro, é uma das funções superegóicas. Nisto se insinua a idéia lacaniana de que na verdade só se é culpado de abrir mão do desejo. Freud diz que, paradoxalmente, portanto, “a consciência é o resultado da renúncia pulsional, ou que a renúncia

⁸⁸ Id., *ibid.*, p.152

⁸⁹ Ver também, sobre o medo de perder o amor, Conferência XXXI p.80-1 e Esboço de Psicanálise p.236

pulsional (imposta a nós de fora) cria a consciência, a qual, então, exige mais renúncias pulsionais.”⁹⁰

Em 1927, Freud assinala que as primeiras renúncias pulsionais agenciadas pelo supereu vêm a ser uma “vantagem cultural muito preciosa”, visto que só assim se constituem seres morais que se transformarão “de opositores em veículos da civilização”.⁹¹ Segundo Freud, o grau de civilização pode ser medido pelo número de indivíduos que realizaram esta renúncia, e pelo nível de internalização da coerção externa que caracteriza o supereu. Uma sociedade que conta com um grande número de elementos cujos supereus são fortalecidos, necessita menos de medidas coercitivas impostas por poderes externos. O supereu é, portanto, considerado um progresso da mente humana.⁹²

Em relação à gênese da consciência, Freud discute o papel da pulsão de morte partindo da suposição (cuja validade é ratificada no final de sua exposição) de que a renúncia é sempre uma renúncia à agressão. Seguindo a mesma lógica paradoxal que rege a relação da culpa com o desejo, o supereu assume a agressividade a que o sujeito renuncia, enviando-a de volta para o eu. Através da identificação, a autoridade é incorporada e se volta contra o eu, que se vê no papel do Pai degradado:

⁹⁰ Id., *O Mal-estar na Civilização*, (1930), p.152

⁹¹ Id., *O Futuro de Uma Ilusão*, (1927), p.22

⁹² Note-se que com o mito do assassinato do Pai da horda, Freud representa a origem do sentimento de culpa, que funda a interdição do incesto e do assassinato entre os irmãos. Podemos dizer que a culpa pelo parricídio *representa* a introdução da renúncia aos desejos e das restrições morais necessárias ao advento da cultura.

Através da identificação, [a criança] incorpora a si a autoridade inatacável. Esta transforma-se então em seu supereu, entrando na posse de toda a agressividade que a criança gostaria de exercer contra ele. O eu da criança tem de contentar-se com o papel infeliz da autoridade -- o pai -- que foi assim degradada. (...) O relacionamento entre o supereu e o eu constitui um retorno, deformado por um desejo, dos relacionamentos reais existentes entre o eu, ainda individualizado, e um objeto externo.⁹³

Em 1924, Freud já afirmava que as figuras que operam como consciência no supereu, que pertenceram ao mundo externo real e foram objetos de moções libidinais do isso, retiraram dessa trajetória seu poder “por trás do qual jazem escondidas todas as influências do passado e da tradição”. Graças a isto, o supereu também representa o mundo externo e fornece um modelo a ser seguido. Dessa forma o supereu substitui o complexo de Édipo, que é a “fonte de nosso senso ético individual, de nossa moralidade”.⁹⁴

O curso do desenvolvimento da infância conduz a um desligamento sempre crescente dos pais e a significação pessoal destes para o supereu retrocede para o segundo plano. As *imagos* que deixam lá atrás estão, pois, vinculadas as influências de professores e autoridades, modelos auto-escolhidos e heróis publicamente reconhecidos, cujas figuras não mais precisam ser introjetadas por um eu que se tornou resistente. A última figura na série iniciada com os pais é o

⁹³ Id., O Mal-estar na Civilização, (1930), p.153

⁹⁴ Id., O Problema Econômico do Masoquismo, (1924), p.209

poder sombrio do Destino, que apenas poucos dentre nós são capazes de encarar como impessoal.⁹⁵

A severidade do supereu corresponde muito mais à agressividade da criança para com o objeto do que à severidade dos pais para com ela.

À parte um fator constitucional que se pode supor presente, é possível dizer, portanto, que uma consciência severa surge da operação conjunta de dois fatores: a frustração da pulsão, que desencadeia a agressividade, e a experiência de ser amado, que volta a agressividade para dentro e a transfere para o supereu.⁹⁶

A partir daí, o medo do supereu enquanto agente crítico persiste no fundo de todo relacionamento, pois "...devido à onisciência do supereu, a diferença entre uma agressão pretendida e uma agressão executada perdeu sua força."⁹⁷

A onisciência do supereu permite a ampliação da analogia entre o desenvolvimento individual e o da civilização. A evolução de uma civilização ocorre, da mesma forma, sob a influência de um supereu resultante de identificações com personalidades carismáticas. Assim como o supereu individual, o supereu de uma cultura "estabelece exigências ideais estritas, cuja desobediência é punida pelo 'medo da consciência'"⁹⁸.

⁹⁵ Id., *ibid.*, p.209

⁹⁶ Id., *O Mal-estar na Civilização*, (1930), p.154

⁹⁷ Id., *ibid.*, p.162

⁹⁸ Id., *ibid.*, p.166-7

O eu, por sua vez, orgulha-se da renúncia pulsional, que rende o prazer de realizar algo de valor. O eu infantil teme perder o amor do supereu que continua as funções dos primeiros supervisores, e, portanto, “sente sua aprovação como libertação e satisfação, e suas censuras como tormentos da consciência”.⁹⁹ A cada renúncia corresponde a espera de mais amor como recompensa. Antes da internalização da autoridade, quando a renúncia pulsional era efetuada por amor aos pais, o sentimento era de segurança e satisfação. Como já vimos, somente quando a autoridade se torna parte do eu é que o sentimento de satisfação assume “o peculiar caráter narcísico de orgulho”.¹⁰⁰

Freud constata que alguns processos mentais são mais facilmente observáveis no grupo. Quase sempre, quando se dá um aumento de tensão, percebe-se mais facilmente a agressividade do supereu expressa como censura do que as próprias exigências inconscientes dos ideais que foram internalizados. Essas exigências inconscientes, se forem vistas à luz da consciência, exibem sua concordância com os preceitos do supereu cultural dominante.¹⁰¹

Dessa forma, Freud estabelece uma interligação constante entre os desenvolvimentos da cultura e do indivíduo. Os ideais e exigências estabelecidos pelo supereu de uma cultura, no que tange às relações entre os homens, constituem o que se denomina ética. Numa visão clínica da cultura, Freud afirma:

⁹⁹ Id., Moisés e o Monoteísmo, (1939), p.139

¹⁰⁰ Id., ibid., p.140

¹⁰¹ Cf. Id., O Mal-estar na Civilização, (1930), p.167

“A ética deve, portanto, ser considerada como uma tentativa terapêutica — como um esforço por alcançar, através de uma ordem do supereu, algo até agora não conseguido por meio de quaisquer outras atividades culturais”.¹⁰²

Além de qualidades dos pais, estão sempre presentes no supereu todas as influências ambientais. Freud chega a citar as características da classe social e as tradições raciais parentais. É por esse viés que Freud valoriza o papel do supereu como veículo de transmissão dos valores de uma cultura, dizendo que o mundo externo...

no qual o indivíduo se descobre exposto, após desligar-se dos pais, representa o poder do presente; que o isso, com suas tendências herdadas, representa o passado orgânico, e que o supereu, que vem juntar-se a eles posteriormente, representa, mais do que qualquer outra coisa, o passado cultural.¹⁰³

Freud observa que o entendimento da relação entre o eu e o supereu torna-se explicável pela relação da criança com os pais. Porém, os pais reais, por sua vez, não fornecem um modelo que justifique a severidade do supereu. Essa severidade se apóia nas forças defensivas, ou tentativas de renúncias, utilizadas contra as moções edípicas. Dessa forma, o supereu ocupa uma posição entre o isso e o mundo externo, ligando o presente e o passado mediante as influências

¹⁰² Id., *ibid.*, p.167

¹⁰³ Id., *Esboco de Psicanálise*, (1940), p.236

que o constituíram. Em outras palavras, pela via do supereu, o presente se transforma em passado.¹⁰⁴

com toda a sua diferença fundamental, o isso e o supereu possuem algo em comum: ambos representam as influências do passado — o isso, a influência da hereditariedade; o supereu, a influência essencialmente do que é retirado de outras pessoas, enquanto que o eu é principalmente determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos.¹⁰⁵

No âmbito do indivíduo, Freud destaca que o supereu tem pouquíssima preocupação com o bem estar do eu, menosprezando a força pulsional do isso e as dificuldades do ambiente externo, na medida em que se constituem como resistências à obrigação de obediência às suas severas ordens e proibições. O supereu cultural age da mesma forma:

Ele também não se preocupa de modo suficiente com os fatos da constituição mental dos seres humanos. Emite uma ordem e não pergunta se é possível às pessoas obedecê-la. Pelo contrário, presume que o eu de um homem é psicologicamente capaz de tudo que lhe é exigido, que o eu desse homem dispõe de um domínio ilimitado sobre seu isso.¹⁰⁶

¹⁰⁴ Cf. Id., *ibid.*, p. 237

¹⁰⁵ Id., *ibid.*, p. 171

¹⁰⁶ Id., *O Mal-estar na Civilização*, (1930), p. 168

Freud toma o mandamento *ama o próximo como a ti mesmo* como exemplo privilegiado da falta de atenção da civilização para com a impossibilidade do ser humano de lidar com suas exigências, pois a civilização "...meramente nos adverte que quanto mais difícil é obedecer ao preceito, mais meritório é proceder assim.". Reiterando seu pessimismo em relação à felicidade, ele afirma que a agressividade é um forte obstáculo à civilização mas que, ao evitar a agressividade, os indivíduos podem se tornar mais infelizes do que se a exercessem. "A ética 'natural' [o exemplo é a religiosa], tal como é chamada, nada tem a oferecer aqui, exceto a satisfação narcísica de se poder pensar que se é melhor do que os outros."¹⁰⁷

Retomando a visão clínica da cultura, Freud se pergunta se o alcance da semelhança entre os desenvolvimentos dos indivíduos e os das civilizações não justificaria o diagnóstico de neurose para toda a humanidade, quando atravessa períodos cruciais.

A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação da sua vida comunal causada pela pulsão humana de agressão e *autodestruição*.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Id., *ibid.*, p.168

¹⁰⁸ Id., *ibid.*, p.170. O grifo é meu.

A idéia de um eu sem inibições e poderoso se opõe necessariamente ao desejo de bom funcionamento de uma civilização. “A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização.”¹⁰⁹ Portanto, as exigências da civilização estão entre os fatores determinantes da neurose, na medida em que, veiculadas pelas instâncias parentais que as representam, são inevitavelmente produtoras de recalque.

...no espaço de poucos anos, a pequena criatura primitiva deve transformar-se num ser humano civilizado; ela tem de atravessar um período imensamente longo de desenvolvimento cultural humano de uma forma abreviada, de maneira quase misteriosa.¹¹⁰

A satisfação dos requisitos da civilização constitui uma pesada carga psíquica, decorrente da inibição de tendências sexuais, em parte recalçadas, em parte desviadas para outros fins. Isso se aplica mais ainda às pulsões agressivas, que dificultam a vida comunitária, chegando a ameaçar essa convivência. Por isso mesmo, Freud considera uma felicidade o fato de essas pulsões agressivas estarem sempre amalgamadas às eróticas.

A restrição à agressividade do indivíduo é o primeiro e talvez o mais severo sacrifício que dele exige a sociedade. (...) A instituição do supereu, que toma conta dos impulsos

¹⁰⁹ Id., *ibid.*, p.116

¹¹⁰ Id., *Esboço de Psicanálise*, (1940), p.213

agressivos perigosos, introduz um destacamento armado, por assim dizer, nas regiões inclinadas à rebelião.¹¹¹

A esse respeito, destacamos agora uma importante passagem da Conferência XXXI, onde Freud retoma o raciocínio de que, aparentemente, o supereu fica com os aspectos de rigidez e severidade dos pais, e com suas funções de proibir e punir, como se o cuidado carinhoso não fosse retido. Junto a isso, ele observa novamente que a educação branda e afetuosa também pode levar à instituição de um supereu severo e inflexível.¹¹² A novidade vem mais adiante, quando Freud introduz a idéia de que as autoridades externas, no que se refere à educação das crianças, se valem das normas de seus próprios supereus. Essas autoridades estão, por sua vez, identificando-se com aquilo que de seus pais ficou retido como severidade e exigência.

Assim, o supereu de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do supereu de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração.¹¹³

¹¹¹ Id., Conferência XXXII, (1933), p.137

¹¹² Cf. Id., Conferência XXXI, (1933), p.81

¹¹³ Id., *ibid.*, p.87

Ao comentar que a visão materialista da história subestima o papel do supereu, por atribuir às condições econômicas contemporâneas a produção das ideologias do homem, Freud afirma que:

Isto é verdade, mas muito provavelmente não a verdade inteira. A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do supereu e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do supereu, desempenha um papel poderoso na vida do homem, independente de condições econômicas.¹¹⁴

Freud conclui que o estudo do supereu ajuda a compreender comportamentos sociais, como a delinqüência, e que talvez possa também fornecer diretrizes educacionais. Com isso, somos lembrados de que a face cruel exposta no texto O Mal-estar na Civilização não abrange toda a inevitável onisciência do supereu, como veremos a seguir.

Em 1927, a origem do supereu nos agentes parentais justifica a tentativa superegóica de consolar e proteger o eu do sofrimento, assim como os pais protegeram a criança, e isso se dá através do humor. Se por intermédio do supereu alguém se trata como criança, é plausível supor que o hiperinvestimento do supereu, em algumas situações, seja passível de alterar as reações do eu. O objetivo da adoção de uma atitude humorística de uma pessoa para consigo

¹¹⁴ Id., *ibid.*, p.87

mesma é afastar possíveis sofrimentos. Para tanto, a ênfase psíquica é transposta do eu para o supereu.

Para o supereu, assim inflado, o eu pode parecer minúsculo, e triviais todos os seus interesses, e, com essa nova distribuição de energia, pode tornar-se coisa fácil para o supereu reprimir as possibilidades de reação do eu.¹¹⁵

A intenção é mostrar que o mundo não é tão ameaçador assim. “*O humor seria a contribuição feita ao cômico pela intervenção do supereu*”.¹¹⁶ A face simpática do supereu ganha em importância se for destacado o uso terapêutico que se pode fazer desse aspecto na clínica psicanalítica.

Por estarmos tratando das relações do supereu com a cultura, incluímos neste capítulo a referência feita por Freud, na Conferência XXXI, ao seu trabalho de 1921¹¹⁷, onde já havia utilizado a diferenciação entre o eu e o ideal do eu [supereu] ao estudar a psicologia de grupo. Ao expor uma fórmula, que é essencialmente a mesma nos dois textos, e que diz respeito a grupos que têm um líder — “um grupo psicológico é uma coleção de indivíduos que introduziram a mesma pessoa em seu supereu e, com base nesse elemento comum, identificaram-se entre si no seu eu”¹¹⁸ — Freud afirma que outras aplicações desse teor tornariam a hipótese do supereu mais familiar. E diz ainda que o

¹¹⁵ Id., O Humor, (1927), p.192

¹¹⁶ Id., ibid., p.194

¹¹⁷ Id., Psicologia das Massas e Análise do Ego (1921)

¹¹⁸ Id., Conferência XXXI, p.87. Ver também Psicologia das Massas e Análise do Ego, p.147

trabalho sobre a psicologia do eu não se esgota com a relevância dada ao supereu, que é apenas um primeiro passo.

Em 1928, Freud havia dito que “o eu e o supereu levam avante o papel de pai”, completando esta idéia com a seguinte imagem: “a relação entre o indivíduo e seu objeto paterno, embora retendo seu conteúdo, foi transformada numa relação entre o eu e o supereu — um novo cenário num novo palco.”¹¹⁹ Na conclusão exploraremos um terceiro cenário, o da transferência, onde a relação entre o indivíduo e o objeto paterno se atualiza com a repetição dos conteúdos do supereu no analista, possibilitando outro trabalho da cultura — o da psicanálise. Por hora, passemos a outros elementos que compõem a cena psíquica.

¹¹⁹ Id., Dostoiévski e o Parricídio, (1928), p.214

III. O SUPEREU E A PULSÃO DE MORTE

Em O Problema Econômico do Masoquismo,¹²⁰ quando trata do masoquismo moral, Freud aborda novos problemas ligados ao sentimento de culpa e ao funcionamento da consciência. O masoquismo primário, tomado pela primeira vez como certamente existente, tem como base de explicação a fusão e a des fusão pulsionais. Desse texto, em que Freud descreve mais completamente do que em qualquer outro momento de sua obra o fenômeno do masoquismo, destacaremos o lugar do supereu no masoquismo moral. Isto nos servirá de introdução para apresentar a relação do supereu com a pulsão de morte no texto freudiano. “São inseparáveis o espaço concedido ao supereu e a reformulação que sofre na mesma época a noção de masoquismo.”¹²¹

Conforme já esboçado em O Ego e o Id, Freud desenvolve as idéias de sentimento inconsciente de culpa e de reação terapêutica negativa como efeitos das operações do supereu ligado à pulsão de morte, reafirmando que “a força de tal impulso constitui uma das mais sérias resistências e o maior perigo ao sucesso de nossos objetivos”¹²². No masoquismo moral o que importa é o sofrimento, seja ele causado por poderes impessoais, pelas circunstâncias, por alguém que é indiferente ou por alguém que é amado. Quanto a isso, Freud afirma ser tentador

¹²⁰ Freud, S., O Problema Econômico do Masoquismo, (1924)

¹²¹ Rudge, A. M., Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, (1998), p.60

¹²² Freud, S., O Problema Econômico do Masoquismo, (1924), p.207

desconsiderar a libido e presumir tão somente que a pulsão de morte se voltou contra o eu. Mas, logo em seguida, ressalta que esses “ofensores de si próprios”¹²³ são também chamados de masoquistas por alguma razão que merece ser pensada — esta razão é justamente a preservação de um valor erótico no sofrimento.

A dureza e crueldade de que o supereu pode ser capaz são creditadas ao aumento de severidade que ocorre graças à defusão pulsional. Esta é concomitante à dessexualização e internalização da relação com os primeiros objetos, ou seja, às operações que permitem a superação do complexo de Édipo. No que concerne à consciência de culpa, as coisas já estão bastante claras. O supereu, enquanto representante do isso e do mundo externo, se impõe como modelo a ser seguido, e a tensão que resulta da distância entre o eu e seu ideal se expressa como consciência de culpa.¹²⁴ Em relação ao “sentimento inconsciente de culpa”, a reação terapêutica negativa possibilita o reconhecimento da ação desse “sentimento inconsciente”, no psiquismo do masoquista moral em análise.

A satisfação desse sentimento inconsciente de culpa é talvez o mais poderoso bastião do indivíduo no lucro (geralmente composto) que afece da doença - na soma de forças que lutam contra o restabelecimento e se recusam a ceder seu estado de enfermidade. O sofrimento acarretado pelas neuroses é exatamente o fator que as torna valiosas para a tendência masoquista.¹²⁵

¹²³ Id., *ibid.*, p.207

¹²⁴ Note-se que aqui, mais uma vez, ideal e supereu aparecem indistintos.

¹²⁵ Freud, S., O Problema Econômico do Masoquismo, (1924), p.207

A substituição dessa forma de sofrimento por outra desgraça qualquer, mais objetiva¹²⁶, parece, paradoxalmente, trazer aos pacientes um alívio de seus sintomas, e isso mesmo naqueles que desafiam qualquer esforço terapêutico. Essa observação reforça a idéia de que a eles só importa “a possibilidade de manter um determinado grau de sofrimento”.¹²⁷ Isso leva Freud a sugerir que a expressão “necessidade de punição” poderia substituir o termo “sentimento inconsciente de culpa”.

Examinando os pontos diferenciais entre o masoquismo moral e uma extensão inconsciente da moralidade¹²⁸ (o sentimento inconsciente de culpa), Freud afirma que, nessa última, o sadismo intensificado do supereu é ressaltado, e o eu se submete. Já no masoquismo moral, o fator preponderante é o próprio masoquismo do eu, isto é, a necessidade de punição que o eu exige, quer do supereu, quer dos representantes dos poderes parentais externos. Tanto na extensão inconsciente da moralidade quanto no masoquismo moral, trata-se de uma relação entre eu e supereu, bem como da satisfação de uma necessidade de sofrimento e punição. Na presença desses dois fatores, o que pode ser mais facilmente percebido em qualquer um dos casos é o sadismo do supereu, cuja manifestação ostensiva oculta o masoquismo do eu. O masoquismo permanece

¹²⁶ Qualquer aspecto da vida cotidiana: um casamento infeliz ou uma doença séria são os exemplos de Freud.

¹²⁷ Freud, S., O Problema Econômico do Masoquismo, (1924), p.207

¹²⁸ Cf., Id., *ibid.*, p.210

inconsciente, podendo apenas ser inferido, a partir do comportamento do indivíduo. No entanto, o encobrimento do papel do eu não significa sua menor participação no fortalecimento do sentimento de culpa:

O sadismo do supereu e o masoquismo do eu suplementam-se mutuamente e se unem para produzir os mesmos efeitos. Só assim, penso eu, podemos compreender como a supressão de uma pulsão pode, com freqüência ou muito geralmente, resultar em um sentimento de culpa, e como a consciência de uma pessoa se torna mais severa e mais sensível, quanto mais se abstém da agressão contra os outros.¹²⁹

Um novo esclarecimento tem como objetivo dar conta do estado inconsciente do masoquismo moral. Apesar de a consciência e a moralidade resultarem da dessexualização do complexo de Édipo, tornam-se novamente sexualizadas através do masoquismo moral. Isso causa uma regressão da moralidade ao complexo de Édipo. Portanto, o masoquismo moral seria uma 'ressexualização' da moralidade e do complexo de Édipo que, quando foi dessexualizado, erigiu o supereu. A esse respeito, Freud faz um importante desdobramento que aponta para uma articulação entre fantasia inconsciente, masoquismo, complexo de Édipo e supereu. (A) possibilidade de traduzir o sentimento inconsciente de culpa como necessidade de punição por um poder paterno, mostra como a moralidade pode se articular a uma retomada da fantasia *incestuosa* de ser espancado pelo pai.

¹²⁹ Id., *ibid.*, p.212

Sabemos agora que o desejo, tão freqüente em fantasias, de ser espancado pelo pai se situa muito próximo do outro desejo, o de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele, e constitui apenas uma deformação regressiva deste último.¹³⁰

Uma espécie de círculo vicioso se instala a partir desse estado de coisas: o masoquismo fomenta a tentação ao pecado, que se expia pela censura da consciência sádica ou pelo castigo do Destino, o que vai reforçar o masoquismo, e assim por diante. A propósito do Destino, como figura última na série de representantes do supereu, Freud observa que:

A fim de provocar a punição desse último representante dos pais, o masoquista deve fazer o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir sua própria existência real.¹³¹

Freud propõe aqui mais uma inversão do senso comum ao abordar a origem da ética do indivíduo. Enquanto geralmente se pensa que a renúncia à pulsão é consequência de requisitos éticos, na verdade ocorre o inverso: "...a primeira renúncia pulsional é forçada por poderes externos, e somente isso cria o

¹³⁰ Id., *ibid.*, p.210

¹³¹ Id., *ibid.*, p.211

senso ético, que se expressa na consciência e exige uma ulterior renúncia à pulsão.”¹³²

Sendo originário da pulsão de morte e correspondendo à moção destrutiva internalizada, ao masoquismo moral não falta um componente erótico: “a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal.”¹³³ Isso dá ao conceito de masoquismo moral o *status* de comprovação da existência da fusão pulsional. Mais tarde Freud vai enunciar a mesma idéia em outras palavras, ao dizer que:

a necessidade de punição constitui uma manifestação pulsional por parte do eu, que se tornou masoquista sob a influência de um supereu sádico; é, por assim dizer, uma parcela da pulsão voltada para a destruição interna presente no eu, empregada para formar uma ligação erótica com o supereu.¹³⁴

Conforme mencionamos no capítulo anterior, Freud confirma que é “apenas a agressividade que é transformada em sentimento de culpa, por ter sido recalcada e transmitida para o supereu.”¹³⁵ Ele desenvolve esse raciocínio a partir da noção de remorso como sendo um termo que descreve a reação do eu diante do sentimento de culpa. O remorso seria então continente do “material sensorial da angústia que opera por trás do sentimento de culpa; ele próprio é uma

¹³² Id., *ibid.*, p.212

¹³³ Id., *ibid.*, p.212

¹³⁴ Id., *O Mal-estar na Civilização*, (1930), p.161

¹³⁵ Id., *ibid.*, p.163

punição, ou pode incluir a necessidade de punição, podendo, portanto, ser também mais antigo do que a consciência”.¹³⁶

Em seu estudo sobre Dostoievski, Freud diz literalmente que o eu masoquista é passivo, de um modo feminino, devido à necessidade de punição. O eu se vê vitimado pelo Destino e se compraz em ser maltratado pelo supereu. Isso se explica pelo fato de que “toda punição é, em última análise, uma castração e, como tal, realização da antiga atitude passiva para com o pai. Mesmo o Destino, em última instância, não passa de uma projeção tardia do pai.”¹³⁷

Novamente uma dupla vertente identificatória é ressaltada. O eu e o supereu se identificam com aspectos distintos do pai. No sintoma da morte que, segundo Freud, caracteriza a epilepsia histérica de Dostoievski, o eu está identificado com o pai morto e o supereu com o pai que pode matar.

Para o eu, o sintoma da morte constitui uma satisfação, em fantasia, do desejo masculino e, ao mesmo tempo, uma satisfação masoquista; para o supereu, trata-se de uma satisfação punitiva, isto é, uma satisfação sádica. Ambos, o eu e o supereu, levam avante o papel de pai.¹³⁸

Em 1940,¹³⁹ Freud destaca a dificuldade de acompanhar as vicissitudes da pulsão destrutiva em contraponto com os destinos da libido, que são mais

¹³⁶ Id., *ibid.*, p.161 A noção de remorso prévio à consciência remete ao mito de Totem e Tabu, Vol. XIII, ESB

¹³⁷ Id., Dostoievski e o Parricídio, (1928), p.213-4

¹³⁸ Id., *ibid.*, p.214

¹³⁹ Id., Esboço de Psicanálise, (1940)

facilmente observáveis. A pulsão de morte opera silenciosamente no mundo interno e só pode ser percebida quando encontra expressão como pulsão de destruição. Esse desvio é fundamental para a saúde do indivíduo, na medida em que possibilita uma descarga. A contenção da agressividade, imposta pela cultura, é um perigo para a saúde, uma vez que “quando o supereu se estabelece, quantidades consideráveis da pulsão agressiva fixam-se no interior do eu e lá operam autodestrutivamente.”¹⁴⁰ Freud faz ainda uma curiosa analogia com a teoria de Darwin, comparando a extinção de uma espécie que não se adapta suficientemente às modificações surgidas no ambiente com a morte do indivíduo causada pelos conflitos internos. Esses conflitos internos decorrem portanto dos impedimentos da cultura à externalização da pulsão de morte. Na melancolia encontramos uma ilustração do ponto a que a pulsão de morte pode chegar:

Seguindo nosso ponto de vista sobre o sadismo, diríamos que o componente destrutivo entrincheirou-se no supereu e voltou-se contra o eu. O que está influenciando agora o supereu é, por assim dizer, uma cultura pura da pulsão de morte e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o eu à morte (...)¹⁴¹

A fixação da pulsão de morte no eu está entre as características da instância egóica que funcionam como “fontes de resistências ao tratamento

¹⁴⁰ Id., *ibid.*, p.175

¹⁴¹ Id., *O Ego e o Id*, (1923), p.69-70

analítico e obstáculos ao êxito terapêutico.”¹⁴² Ainda considerando os fenômenos de masoquismo, Freud diz que a reação terapêutica negativa e o sentimento de culpa são indicadores de que o psiquismo não é regido somente pelo desejo de prazer, mas também pela “presença de um poder na vida mental que chamamos de pulsão de agressividade ou de destruição, segundo seus objetivos.”¹⁴³

O supereu, como aliado do isso, está envolvido na satisfação pulsional masoquista, enquanto, por outro lado, representa uma primeira via de ligação do processo primário, permitindo uma certa elaboração psíquica da pulsão. Em sua função de ligar a pulsão, fundamentalmente masoquista, é um operador que está em ação em todos os efeitos da pulsão de morte, tal como esta se apresenta na experiência psicanalítica.¹⁴⁴

Dentre as várias manifestações movidas pela força da defesa contra o restabelecimento, o sentimento de culpa e a necessidade de punição se localizam na relação do eu com o supereu, e são reconhecíveis pelo fato de estarem psiquicamente ligados pelo supereu. Contudo, outras parcelas, ligadas ou livres, dessa força de defesa agem em outros lugares do aparelho psíquico. É a partir disso que Freud dá destaque ao fato de que as vicissitudes das pulsões primeiras — como se comportam, se distribuem, se misturam ou se desfusionam — dizem sempre respeito às três instâncias do aparelho psíquico.

¹⁴² Id., Análise Terminável e Interminável, (1937), p.275

¹⁴³ Id., ibid., p.276

¹⁴⁴ Rudge, A. M., Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, (1998), p.60

Esta mesma questão é discutida em 1933, quando Freud apresenta a suposição de que parte da agressividade exerce “sua atividade muda e sinistra, sob forma de pulsão destrutiva livre, no eu e no isso.”¹⁴⁵ Mais uma vez, ele deixa claro que nem toda a agressividade está ligada pelo supereu e dirigida contra o eu.

Em se tratando da reação terapêutica negativa, Freud volta a lançar mão da expressão ‘sentimento inconsciente de culpa’ para enfatizar a ação do supereu: “...as pessoas nas quais esse sentimento inconsciente de culpa é excessivamente forte manifestam-se no tratamento analítico pela reação terapêutica negativa, que é tão desagradável do ponto de vista prognóstico.”¹⁴⁶ Essa observação de Freud coloca em destaque a possibilidade de que a reação terapêutica negativa, enquanto fenômeno observado na clínica psicanalítica, seja um dos principais fatores que requerem toda a nova teoria do supereu e do masoquismo originário.

Como vimos, esse fenômeno (R.T.N.) é efeito de articulações entre o jogo de forças pulsional e o desejo masoquista de sofrimento e limitação, tanto mais forte por ter sua raiz na ligação erótica original gerada pela condição de desamparo. É disso que Freud trata quando afirma que o medo da perda do amor é o que justifica a submissão do eu à influência do supereu.

¹⁴⁵ Freud, S., Conferência XXXII, (1933), p.136

¹⁴⁶ Id., ibid., p.136

IV. O SUPEREU E A ANGÚSTIA

*Não há dúvida de que as pessoas que qualificamos como neuróticas permanecem infantis em sua atitude em relação ao perigo e não venceram as obsoletas causas determinantes de angústia.*¹⁴⁷

Em 1926, Freud parte das primeiras manifestações de angústia, mais imediatamente compreensíveis numa criança, para trilhar um caminho que nos mostra a articulação da angústia com o supereu.¹⁴⁸ Vejamos: é compreensível que uma criança manifeste angústia quando está sozinha, no escuro, ou com uma pessoa desconhecida. Freud percebe nas três situações uma mesma condição — a criança sente falta de alguém que é amado. Já nesse momento inicial Freud nos remete à angústia de castração:

Aqui a angústia aparece como uma reação à perda sentida do objeto. E lembramo-nos de imediato do fato de que também a angústia de castração constitui o medo de sermos separados de um objeto altamente valioso (...).¹⁴⁹

Mas, o que é a angústia? Podemos resumir o teor das respostas de Freud a essa questão da seguinte maneira: angústia é algo que se sente e que possui um caráter específico de desprazer, acompanhado de atos de descarga que, por sua vez, seguem trilhas somáticas específicas. A função da angústia, originariamente

¹⁴⁷ Freud, S., Conferência XXXII, (1933), p. 112

¹⁴⁸ Id., Inibições, Sintomas e Ansiedade, (1926), cap. VIII

¹⁴⁹ Id., ibid., p. 160-1

indispensável, é de reação a uma situação de perigo. Um estado de angústia pode se reproduzir em circunstâncias que apresentem condições necessárias a um aumento da excitação geradora de descarga. Isto é, tendo surgido originalmente como reação a um perigo, a angústia se reproduz sempre que encontra uma circunstância que é *vivida como* perigo. O problema desse estado de coisas é que, em uma nova situação de perigo o indivíduo pode reproduzir, inadequadamente, uma reação a um perigo anterior: reage com angústia, em lugar de iniciar uma reação apropriada, atual. Ou ainda, ele reage com o pleno desenvolvimento de angústia, em vez de reagir com uma angústia mitigada, que serviria como sinal.

A nosso ver, o estudo do supereu demonstra a pertinência da idéia freudiana de que o sentimento de culpa é uma forma específica de angústia, diversamente localizada. Ou seja, o sentimento de culpa é a angústia acontecendo em um outro lugar, mais específico. É essencialmente essa a idéia que desejamos destacar. Acreditamos que ela coloca o supereu e o sintoma em lugares privilegiados de relação com a angústia, como demonstra a citação seguinte, que serve para explicitar a relação da angústia com o sentimento de culpa, e para aprescresentar nossa idéia:

Aqui, talvez, nos possamos alegrar por termos assinalado que, no fundo, o sentimento de culpa nada mais é do que uma variedade topográfica da angústia; em suas fases posteriores, coincide completamente com o *medo do supereu*. E as relações da angústia com a consciência apresentam as mesmas e extraordinárias variações. A angústia está sempre presente,

num lugar ou outro, por trás de todo sintoma; em determinada ocasião, porém, toma, ruidosamente, posse da totalidade da consciência, ao passo que, em outra, se oculta tão completamente, que somos obrigados a falar de angústia inconsciente, ou, se desejamos ter uma consciência psicológica mais clara — visto a angústia ser, no primeiro caso, simplesmente um sentimento —, das possibilidades de angústia. Por conseguinte, é bastante concebível que tampouco o sentimento de culpa produzido pela civilização seja percebido como tal, e em grande parte permaneça inconsciente, ou apareça como uma espécie de *mal-estar*, uma insatisfação, para a qual as pessoas buscam outras motivações.¹⁵⁰

Consideremos agora os aspectos mais precoces da manifestação de angústia em crianças. A criança de colo considera a *não satisfação* como um perigo do qual deseja ser protegida. O que está em jogo é uma crescente tensão que se deve à necessidade, e contra a qual a criança não pode fazer nada.

A situação de não satisfação na qual as quantidades de estímulo se elevam a um grau desagradável sem que lhes seja possível ser dominadas psiquicamente ou descarregadas (...) deve ser uma repetição da situação de perigo.¹⁵¹

Posteriormente, o conteúdo do perigo temido pela criança se desloca dessa situação econômica para a condição geradora da situação, que é a perda do objeto. Isso se dá quando a experiência permite que a criança descubra que um objeto externo pode resolver a situação perigosa. “É a ausência da mãe que agora

¹⁵⁰ Id., *O Mal-estar na Civilização*, p.159-60

¹⁵¹ Id., *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, p.161

constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá o sinal de angústia, antes que a temida situação econômica se estabeleça.”¹⁵² Freud afirma que essa mudança é o primeiro grande passo dado pela criança no sentido de sua auto-preservação, constituindo-se ao mesmo tempo numa transição do aparecimento automático e involuntário da angústia, para a possibilidade de uma reprodução operacional da angústia como sinal de perigo. Segundo Freud, tanto na qualidade de fenômeno automático, como em seu aspecto de sinal, a angústia é um produto da condição de desamparo (biológico e psíquico) do bebê humano.

Freud é categórico ao afirmar que a função da angústia é sinalizar uma situação de perigo, de modo a permitir que seja evitada. O perigo de perder um objeto amado é o exemplo que estivemos acompanhando. O medo da perda de objeto como determinante da angústia estende seu significado até a angústia de castração, que é a manifestação da angústia na fase fálica. O pênis possui um alto grau de valor narcísico, similar ao alto grau de valor da mãe enquanto objeto de amor; até mesmo porque o pênis simboliza a possibilidade de uma nova união com a mãe (ou com um substituto dela) no ato sexual. Depreendemos daí que o determinante da angústia permanece sendo o mesmo: o medo da separação de um objeto de amor. Entretanto, o conteúdo da situação de perigo deve continuar se modificando conforme o desenvolvimento alcançado pela criança:

¹⁵² Id., *ibid.*, p.161

sua crescente independência, a divisão mais acentuada de seu aparelho mental em várias instâncias, o advento de novas necessidades - não pode deixar de exercer influência sobre o conteúdo da situação de perigo.¹⁵³

A continuidade do desenvolvimento do eu faz com que as situações de perigo mais antigas percam sua força e sejam postas de lado. Assim, cada período da vida tem seu determinante apropriado de angústia:

o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o eu do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do seu supereu, até o período de latência.¹⁵⁴

Portanto, a mudança de conteúdo, desde a perda da mãe como objeto até a castração, antecede a mudança seguinte que é causada pelo advento do poderoso supereu. "Expressando-o de modo mais geral, o que o eu considera como sendo o perigo e ao qual reage com um sinal de angústia consiste em o supereu dever estar com raiva dele ou puni-lo ou deixar de amá-lo."¹⁵⁵ Freud afirma ainda que a última transformação por que passa o medo do supereu é o medo pela vida, ou medo da morte, que, como já vimos, é um medo do supereu projetado no destino.¹⁵⁶

¹⁵³ Id., *ibid.*, p.163

¹⁵⁴ Id., *ibid.*, p.166

¹⁵⁵ Id., *ibid.*, p.163

¹⁵⁶ Cf. Id., *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, (1926), p.164

É importante ressaltar que essa evolução não impede que todos os determinantes de angústia mencionados persistam, fazendo com que o eu reaja com angústia diante de cada situação de perigo em períodos ulteriores ao apropriado; e nem mesmo impede que vários desses determinantes atuem ao mesmo tempo em uma dada situação.

Retomemos agora a constituição do supereu, levando em consideração a participação da angústia nesse processo.

Pois bem, como todos sabem, as crianças de tenra idade são amorais e não possuem inibições internas contra seus impulsos que buscam o prazer. O papel que mais tarde é assumido pelo supereu é desempenhado, no início, por um poder externo, pela autoridade dos pais. A influência dos pais governa a criança, concedendo-lhe provas de amor e ameaçando com castigos, os quais, para a criança, são sinais de perda do amor e se farão temer por essa mesma causa. *Essa angústia realística é o precursor da angústia moral subsequente.* Na medida em que ela é dominante, não há necessidade de falar em supereu e consciência. Apenas posteriormente é que se desenvolve a situação secundária (...), quando a coerção externa é internalizada, e o supereu assume o lugar da instância parental e observa, dirige e ameaça o eu, exatamente da mesma forma como anteriormente os pais faziam com a criança.¹⁵⁷

Nas situações em que o eu se vê obrigado a admitir sua fraqueza, irrompe em angústia. No que diz respeito ao mundo externo, Freud usa o mesmo termo que aplica às angústias originais, ou seja, angústia realística. A angústia frente ao

¹⁵⁷ Id., *Conferência XXXI*, (1933), p.80-1. O grifo é meu.

supereu é a angústia moral. A novidade fica por conta da angústia do eu frente às paixões do isso, que é denominada angústia neurótica.¹⁵⁸

Podemos dizer que há uma espécie de retro-alimentação da angústia moral e da angústia neurótica. Isso porque, como já vimos, desde o estabelecimento do supereu não há diferença entre fazer algo 'mau' ou desejar fazê-lo, já que nem os pensamentos podem ser escondidos dessa instância. A partir desse raciocínio podemos pensar na compulsão de destino: "O supereu atormenta o eu pecador com o mesmo sentimento de angústia e fica à espera de oportunidades para fazê-lo ser punido pelo mundo externo."¹⁵⁹

Já vimos que Freud usa a noção de remorso para designar a reação do eu frente ao sentimento de culpa. Acrescenta que o remorso "contém, em forma pouco alterada, o material sensorial da angústia que opera por trás do sentimento de culpa," e que, "ele próprio é uma punição, ou pode incluir a necessidade de punição, podendo, portanto, ser também mais antigo do que a consciência."¹⁶⁰

Ainda em 1930, Freud afirma que só devemos falar de consciência depois que se instaura o supereu; contudo, admite que o sentimento de culpa existe antes do supereu, e portanto antes da consciência também. Nesse tempo anterior ao

¹⁵⁸ Id., *ibid.*, p.99-100 Além disso, quando essa angústia realística se mantém, e há insuficiente formação do supereu, Freud fala em angústia social.

¹⁵⁹ Id., *O Mal-estar na Civilização*, (1930), p.149

¹⁶⁰ Id., *ibid.*, p.161

advento do supereu, o medo da autoridade externa deriva do conflito entre a necessidade de amor e o impulso em direção à satisfação pulsional.¹⁶¹

Em 1933 Freud retoma o tema da angústia rerepresentando, com algumas colocações diferentes, os fatores determinantes de angústia adequados a cada estágio do desenvolvimento:

O perigo de desamparo psíquico ajusta-se ao estágio da imaturidade inicial do eu; o perigo de perda de um objeto (ou perda do amor) ajusta-se à falta de auto-suficiência dos primeiros anos da infância; o perigo de ser castrado ajusta-se à fase fálica; e, finalmente, o temor ao supereu, que assume uma posição especial, ajusta-se ao período de latência.¹⁶²

Freud retoma também as considerações que dizem respeito à inadequação da reação de angústia, pois seria de se esperar que, com o desenvolvimento, os antigos fatores determinantes de angústia sumissem, uma vez que as situações de perigo perderiam sua importância em virtude do fortalecimento do eu.

...isto, contudo, só ocorre de forma muito incompleta. Muitas pessoas são incapazes de superar o temor da perda do amor; nunca se tornam suficientemente independentes do amor de outras pessoas e, nesse aspecto, comportam-se como crianças.¹⁶³

¹⁶¹ Note-se que isso é igual ao esquema de *Totem e Tabú*, (1912).

¹⁶² Id., *Conferência XXXII* (1933), p.111

¹⁶³ Id., *ibid.*, p.111

Freud afirma que o temor ao supereu não deve cessar, “pois, sob a forma de angústia moral, é indispensável nas relações sociais, e somente em casos muito raros pode um indivíduo tornar-se independente da sociedade humana.”¹⁶⁴

Neste ponto retornamos à epígrafe deste capítulo, onde Freud afirma que os neuróticos “permanecem infantis em sua atitude relativa ao perigo e não venceram as obsoletas causas determinantes de angústia.”¹⁶⁵ Freud acrescenta ainda que isso pode ser tomado “como contribuição concreta para a caracterização dos neuróticos.”¹⁶⁶

¹⁶⁴ Id., *ibid.*, p.111-2

¹⁶⁵ Id., *ibid.*, p.112

¹⁶⁶ Id., *ibid.*, p.112

V. O SUPEREU E O AMOR

A questão do amor, da necessidade de ser amado, está na base do funcionamento neurótico. Freud menciona¹⁶⁷ a existência de uma influência estranha que tem o poder de decidir o que deve ser considerado bom ou mau para o eu.¹⁶⁸ O que é mau, e por essa razão deve ser abandonado, pode ser desejado pelo eu e até lhe causar prazer. Na prática, e com muita freqüência, esse desejo não seria prejudicial ou perigoso. Em vista disso, Freud se pergunta qual será o motivo para a submissão a essa influência. Sua resposta é que ela se fundamenta no medo da perda de amor, baseado no desamparo e na dependência de outras pessoas. Se perdesse o amor de uma pessoa de quem depende, a criança ficaria desprotegida frente a uma série de perigos. O primeiro deles seria que esse alguém mais forte, havendo deixado de amá-la, exercesse alguma forma de punição. Originariamente, portanto, o que deve ser evitado é tudo o que possa levar à perda do amor e que, por esse motivo, passa a ser uma ameaça, justificando o estigma de mau. A internalização da autoridade, já bastante discutida neste estudo sobre o supereu, anula a diferença entre ter a intenção e fazer o que é mau. Como já vimos, não se pode esconder nada do supereu, que atormenta o eu-sempre-peccador.

¹⁶⁷ Cf. Freud, S., O Mal-estar na Civilização, (1930), p.147-8.

¹⁶⁸ No início o ser é totalmente amoral.

Se partimos da premissa de que o eu, em sua vã tentativa de enfrentar as exigências da realidade, do isso e do supereu, fica enfraquecido, encontramos a justificativa para a dificuldade suplementar de preservar sua organização e manter sua autonomia. Nesse contexto, a autonomia do eu é efetivamente utópica. Freud se refere à causa comum que o isso e o supereu fazem freqüentemente contra o eu, e diz que esse conluio torna difícil o apego à realidade.

Podemos desconfiar que, nos conflitos econômicos que surgem neste ponto, o isso e o supereu freqüentemente fazem causa comum contra o eu arduamente pressionado que tenta apegar-se à realidade a fim de conservar o seu estado normal. Se os outros dois se tornam fortes demais, conseguem afrouxar e alterar a organização do eu, de maneira que sua relação correta com a realidade é perturbada ou até mesmo encerrada.¹⁶⁹

Em sua origem, o eu frágil e imaturo não é capaz de opor resistência à aliança do isso com o supereu, sofrendo distúrbios que o impedem de lidar com as exigências de suas relações de dependência. Em função da fragilidade do eu, essas exigências operam como traumas, e a defesa possível é a tentativa de fuga. A tentativa neurótica por excelência é através do recalque, nunca totalmente eficaz, que acarreta sérias restrições ao amadurecimento e cristaliza uma postura infantil.

¹⁶⁹ Id., Eshoço de Psicanálise, (1940), p. 199-200.

A operação do recalque, quando da dissolução do complexo de Édipo, pode ser descrita como um processo de conciliação das exigências do psiquismo, que opera no sentido do mascaramento do desejo que, na verdade, passa a habitar outra cena — a do inconsciente — prestando-se dessa forma a ser combustível da produção dos sintomas. O recalque, portanto, se impõe em nome da preservação da unidade narcísica, que estaria garantida com a manutenção da presença de um pai. O indivíduo se vê na necessidade de ser amado por um poder parental, que o protegeria essencialmente das supostas conseqüências da ausência paterna: morte e destruição do eu, em decorrência da realização do ato incestuoso.

A formação do sintoma, produto primordial do recalque, pode ser descrita como um clamor constante pela presença de um pai, ou ainda, um dar de si para ter um pai. É aí que entra o supereu, esboçado por Freud como agente crítico em 1914, embora ainda não nomeado, na qualidade de representante da figura paterna no mundo interno. Aqui podemos ver uma estreita interrelação de narcisismo, supereu e sintoma.

Um bom exemplo da cristalização da infância encontra-se na teorização freudiana sobre o sentimento de inferioridade: o que faz a pessoa, criança ou adulto, se sentir inferior é julgar que não é amada. A raiz do sentimento de inferioridade está fincada no solo do amor, o que está de acordo com a idéia de que: “A parte principal do sentimento de inferioridade deriva-se da relação do eu

com o supereu; assim como o sentimento de culpa, é expressão da tensão entre eles".¹⁷⁰ *Freud na Jornada do Ego*

Freud comenta que se deu pouca atenção na psicanálise à delimitação desses dois conceitos e aventa a possibilidade de se considerar o sentimento de culpa como complemento erótico do sentimento de inferioridade. Se o sentimento de inferioridade deriva da experiência de falta de amor e é complementado pelo sentimento de culpa, a necessidade de amor (proteção) é a mola mestra da relação entre o eu e o supereu — tudo que o eu deseja é ser amado pelo supereu.¹⁷¹ Ser amado acarreta uma satisfação e uma preservação narcísicas, o que coloca o supereu e o narcisismo intimamente articulados. Com isso, através do amor, abrimos uma porta de entrada para uma articulação entre supereu, narcisismo, sintoma e fantasia.

Freud faz uma apreciação do significado que quer dar na psicanálise ao conceito de amor, que não equivale somente à proteção:

O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (...) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso (...) por um lado o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a idéias abstratas.¹⁷²

¹⁷⁰ Id., Conferência XXXI, (1933), p.84-5.

¹⁷¹ Na melancolia, a perda desse amor pode levar à morte, por suicídio ou por doença.

¹⁷² Id., Psicologia de grupo e análise do ego, (1921), p.116.

A justificativa para essa significação é derivada da pesquisa psicanalítica, através da qual se evidenciou que todas essas tendências expressam o fato de que essas formas de amor eram originalmente voltadas para a união sexual. Sabe-se que na prática das relações, a moção pulsional, isto é, aquilo que da pulsão está atrelado ao desejo, é impedida ou desviada do objetivo de união sexual.

Considerando tudo que já vimos nesta dissertação, o supereu enquanto representante da lei de interdição está intimamente relacionado com os impedimentos e desvios da vida erótica. O supereu garante a repetição de três injunções que marcam a saída do Édipo: a renúncia à satisfação dos desejos incestuosos; a preservação destes mesmos desejos em relação a essa realização inacessível, por ser impossível; e a preservação narcísica diante da ameaça de castração, ou seja, diante do perigo de destruição do eu que poderia sobrevir caso se efetivasse o incesto.¹⁷³ A força dos desejos incestuosos edípicos é confrontada pelo interesse narcísico de evitação da castração, que leva o indivíduo a um abandono (relativo) da cena edípica, mas *não* dos desejos.

A nosso ver, verifica-se que a proibição do eu não apenas é incapaz de extinguir o desejo, como confere ao desejo sua vitalidade pois, pelo menos em parte, é a própria proibição que engendra a crença na possibilidade do incesto. Freud diz o seguinte sobre a crença: "Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua

¹⁷³ cf. Nasio, J.D., Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise, (1989), p.130.

motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação”.¹⁷⁴ Se a experiência do incesto fosse possível e devesse ser interdita em função dessa possibilidade, não estaria em jogo a *crença* que instala o tempestuoso conflito psíquico de que os psicanalistas têm notícia.

Daí decorrem algumas questões especulativas, tais como: a relação entre o supereu e o desejo de incesto seria similar à relação entre a moralidade e a renúncia à satisfação pulsional? Nesse sentido, se, ao contrário do que seria de se esperar, a renúncia imposta por poderes externos institui a moralidade, poderíamos dizer que *não* é o medo da realização do desejo que faz necessária a estruturação de um supereu, mas sim que o advento do supereu é que funda a crença inevitável na possibilidade de relação sexual incestuosa. Se todo objeto de amor tem um fundo de significação que visa a união sexual, as ações implicadas em toda e qualquer relação de objeto podem ganhar a significação ameaçadora de um devir incestuoso. É o supereu que estabelece o engodo da possibilidade do incesto, da completez, da fusão mortífera? Não é raro que digam que o supereu não promove o desaparecimento do desejo, que o desejo insiste, e que esta instância representa a renúncia à experiência de satisfação (gozo) que adviria se o incesto tivesse lugar.

¹⁷⁴ Freud, S., O Futuro de uma Ilusão, (1927), p.44

A nosso ver essa afirmação não é falsa, mas não revela toda a verdade. Podemos formular nossa compreensão nos seguintes termos: o supereu representa ao mesmo tempo a renúncia a uma satisfação proibida e a exaltação de um horizonte de possibilidade de realização de um desejo, no qual se pode acreditar, precisamente porque ele não existe. E ainda, no mesmo golpe, o supereu se impõe como defensor e mantenedor de uma integridade narcísica que é ameaçada com a castração e também pela realização mortífera de seus desejos incestuosos; o que acaba dando na mesma. Para o eu, ambas as possibilidades significam o perigo de dissolução. O neurótico mergulha na crença de que pode viver o absoluto quando, na verdade, só pode conhecer o parcial ou, precisamente, *porque* só pode conhecer o parcial.

Já vimos diversos momentos em que Freud define o lugar ocupado pelo supereu na economia psíquica, bem como o ganho narcísico com que se deleita o eu em função de suas renúncias. Instalado no terreno que foi originalmente do protetor amado de quem se temia a perda do amor, o supereu, ao mesmo tempo que atormenta o eu, se vê no papel de premiar o eu, através de seu amor, com o fortalecimento do orgulho e a elevação da auto-estima. Nessas articulações, Freud demonstra que o supereu desempenha o papel de um mundo externo para o eu, mas, por estar instalado no mundo interno, prolonga, e muito, a infância dos seres humanos. O supereu enfeitiça o presente com os ares do passado.

Muitíssimas vezes, tive a impressão de que temos feito muito pouco uso teórico desse fato, estabelecido além de qualquer dúvida, da inalterabilidade do recalçado com o passar do tempo. Isto parece oferecer um acesso às mais profundas descobertas.¹⁷⁵

Pensamos que uma das formas de compreender a idéia, expressa em O Humor, de que o supereu é o núcleo do eu, é pensar nos poderes que o supereu possui em função de sua gênese e de seu desenvolvimento: o supereu habita uma torre panóptica no aparelho psíquico, o que lhe confere o privilégio de uma posição onisciente.¹⁷⁶

Em 1914, Freud condensa suas colocações sobre o tema do narcisismo, situa o campo narcísico no desenvolvimento sexual e avança questões sobre as relações do eu com os objetos. Com a introdução do ideal do eu e do agente auto-observador, lança as bases do que mais tarde veio a ser o supereu.

Nesse texto, Freud afirma que há um comprometimento das relações do neurótico com a realidade. A persistência desse comprometimento, ao contrário do que ocorre na psicose, não impede que as relações eróticas sejam preservadas por meio da fantasia. O neurótico retém essas relações na fantasia, dotando os objetos reais com atributos dos objetos imaginários de sua memória, fundindo

¹⁷⁵ Id, Conferência XXXI (1933), p.95.

¹⁷⁶ A respeito desses poderes e da inalterabilidade do recalçado, reproduzimos um trecho de uma sugestão freudiana: "o desenvolvimento e o fortalecimento desse agente observador podem encerrar em si mesmos a gênese subsequente da memória (subjectiva) e o fator tempo, não tendo o segundo qualquer aplicação aos processos inconscientes". Freud, S., Sobre o narcisismo: uma introdução, (1914), p.114 n.1

uns nos outros, e além disso “renuncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados àqueles objetos”.¹⁷⁷ Dessa forma, Freud faz alusão à introversão da libido para as fantasias, característica da neurose. Os termos da citação acima nos sugerem uma atividade do supereu nessa introversão.¹⁷⁸ Freud, bem cedo em sua obra, já esboçava a intimidade da fantasia com o que viria a ser o supereu:

Constituídas a partir das coisas que são *escutadas* e recebem seu valor *só depois*, elas [as fantasias] combinam o vivido e o escutado, o passado (proveniente da história dos pais e avós) com o que o próprio sujeito viu. Estão em relação ao escutado como os sonhos estão em relação ao visto.¹⁷⁹

As fantasias produzem-se por uma combinação inconsciente de coisas vividas e de coisas ouvidas.¹⁸⁰

Freud afirma que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e quem cuida dele. Com isso, postula o narcisismo primário, onde reconhece o narcisismo dos pais revivido e reproduzido. “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua

¹⁷⁷ Freud, S., Sobre o narcisismo: uma introdução, (1914), p.90.

¹⁷⁸ O supereu leva ao recalque. O recalque leva à introversão. E o sintoma é uma satisfação introvertida da libido.

¹⁷⁹ Freud, S., Rascunho L, Citado em Laplanche, J., e Pontalis, J.-B., Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia, (1988), p. 91 n.40

¹⁸⁰ Id., Rascunho M, citado em Id., Ibid.

natureza anterior.”¹⁸¹ Ou seja, os pais desejam, inconscientemente, que a criança seja o ser perfeito que eles desejaram ser. Estes são os ideais com os quais a criança vai se identificar.

Vale notar que esse desenvolvimento coincide com a idéia de que o supereu de uma criança é construído segundo o modelo do supereu de seus pais. O narcisismo também pode ser descrito com base nesta noção, isto é, o narcisismo de uma criança é construído segundo o modelo do narcisismo de seus pais. Há um momento central que caracteriza, como veremos, a interrelação de supereu, narcisismo e fantasia. Quando Freud resume os caminhos que levam à escolha de um objeto, indica que a pessoa pode amar de dois modos:

- (1) Em conformidade com o tipo narcisista:
 - (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),
 - (b) o que ela própria foi,
 - (c) o que ela própria gostaria de ser,
 - (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.
- (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):
 - (a) a mulher que a alimenta,
 - (b) o homem que a protege,
 e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.¹⁸²

Sugerimos a seguinte leitura desses modos de investimento objetal: no caso (1) a pessoa ama desde um lugar em que seu eu ocupa o lugar de um outro, isto é, como se ela fosse um outro que escolhe alguém como ela. No caso (2) a pessoa

¹⁸¹ Freud, S., Sobre o narcisismo: uma introdução, (1914), p.108.

¹⁸² Id, *ibid.*, p.107.

ama desde um lugar em que seu eu ocupa seu próprio lugar, isto é, como se amasse um outro que é escolhido por ter amado alguém como ela. Vê-se que nos dois casos o narcisismo permeia as escolhas objetais. No primeiro, a pessoa ama um outro assemelhado ao que ela julga digno de ser amado em si mesma em tempos diferentes. No segundo, a pessoa ama um outro assemelhado àqueles que a amaram em tempos diferentes.

Dito isso, nossa hipótese é que, em conformidade com o tipo narcisista, a pessoa ama identificada com o seu supereu, enquanto que, em conformidade com o tipo anáclítico, ama aquele que ela identifica com o seu supereu. Assim, narcisismo e supereu permeiam, sem dissociação possível, as escolhas amorosas que, como vimos, são comprometidas com a introversão para a fantasia. Mais um passo pode ser dado se nos lembrarmos da relação de sustentação que a fantasia tem com o sintoma:

A psicanálise se propõe a reduzir o sintoma, revelando os processos inconscientes que o produzem. Assim, o sintoma é considerado uma formação do inconsciente e, portanto, uma realização de desejo na medida em que o desejo é a única força capaz de motivar o inconsciente. Todo desejo sendo sustentado por uma fantasia (...), não há abordagem possível do sintoma pela psicanálise sem que pelo menos um esboço de reconstrução da fantasia inconsciente que está por trás do sintoma seja efetuado pelo sujeito.¹⁸³

¹⁸³ Souza, O., "Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática psicanalítica", em Clinica do social. Ensaios, p.81.

A partir dessas considerações, pensamos em outra questão que pode ser interessante no sentido de evidenciar a participação onisciente do supereu nos processos do psiquismo, tal como se estruturam na neurose. Freud diz ter-se equivocado ao atribuir ao supereu a função de teste de realidade, e que esta função seria mesmo do eu. Além disso, e esse é o ponto que mais desperta nosso interesse, Freud observa que “algumas sugestões anteriores sobre um ‘núcleo do eu’, nunca formuladas de modo muito definitivo, também devem ser corrigidas, visto que só o sistema *Pcpt.-Cs.* pode ser considerado como o núcleo do eu”.¹⁸⁴

Apesar dessa observação, em O Humor, Freud volta a se referir ao supereu como núcleo do eu. Face a essas colocações, temos a oportunidade de considerar, através da noção de realidade psíquica, a relação da instância superegóica com o sistema *Pcpt.-Cs.*. Se é lícita a relação que sugerimos, de supereu e fantasia, e se o sistema perceptivo é contaminado por essa fantasia, então o supereu é parte integrante do jogo de forças que contribui para os limites do que o indivíduo considera seu mundo externo (e interno também). A nosso ver o supereu está entre as forças que se coadunam para estruturar os limites a que o indivíduo se vê submetido em sua capacidade de apreensão da realidade material. A realidade psíquica de um indivíduo — seus pensamentos, seu mundo pessoal — impregna a percepção da realidade material.

¹⁸⁴ Freud, S., O Ego e o Id, (1923), p.42, nota 2.

...aquilo que o paciente fornece como causa de seu sofrimento é sempre “verdadeiro”, mas trata-se de uma verdade que não concerne tanto a sua história factual quanto à história de seu desejo, ou melhor, a maneira pela qual o seu desejo “trabalhou” a sua história.¹⁸⁵

Nessa impregnação, o supereu, por suas múltiplas formas de atividade, exerce papel fundamental. Podemos tentar definir essa posição com um raciocínio simples: o supereu *mais pessoal*, carregado dos sentidos e expectativas atribuídos aos primeiros objetos de amor, determina a visão do que se passa nas relações atuais de um indivíduo. “Não existe no inconsciente nenhum indício de realidade, de modo que é impossível distinguir a verdade da ficção investida de afeto”.¹⁸⁶ A análise é uma das formas de dispensar a eficácia das formações sintomáticas que contribuem para as sucessivas confirmações das impressões subjetivas do neurótico. Tornar o supereu mais impessoal seria ter uma relação mais crítica com o supereu, em vez de uma submissão apaixonada — e infantil.

Todas as considerações que estivemos efetuando estão em conformidade com o raciocínio central desenvolvido em Uma dificuldade no caminho da psicanálise, onde Freud retoma o tema do narcisismo e aborda a barreira afetiva que torna a psicanálise difícil de ser entendida. Essa dificuldade não é intelectual, mas afetiva — alguma coisa “aliena os sentimentos daqueles que entram em

¹⁸⁵ Portinari, D.B., A Crítica Freudiana da Sugestão, Tese de Doutorado PUC-RJ, 1998

¹⁸⁶ Freud, S., Carta a Fliess, 21 de setembro de 1897, cf. citação em Laplanche, J., e Pontalis, J.-B., Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia, (1988), p.36

contato com a psicanálise, de tal forma que os deixa menos inclinados a acreditar nela ou a interessar-se por ela”.¹⁸⁷ Freud descreve os três severos golpes narcísicos que a humanidade sofreu por parte da ciência, atribuindo ao terceiro, o golpe psicológico: *o eu não é o senhor da sua própria casa*, a compreensão do motivo pelo qual o eu não vê com bons olhos a psicanálise e se recusa a acreditar nela. Esse golpe psicológico engloba duas propostas da psicanálise que são penosas para o narcisismo: a da importância psíquica da sexualidade e a de que “os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o eu e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança.”¹⁸⁸ Nesse texto Freud faz uma descrição da relação do eu com a consciência, que antecipa a possibilidade de pensar o supereu como núcleo do eu e corrobora a idéia da posição onisciente dessa instância. Freud comenta que embora humilhado pelos outros dois golpes, o cosmológico e o biológico, o homem ainda se sente superior dentro de sua própria mente, e completa:

Em algum lugar do núcleo do seu eu, desenvolveu um órgão de observação a fim de manter-se atento aos seus impulsos e ações e verificar se se harmonizam com as exigências do eu. Se não se harmonizam, esses impulsos e ações são impiedosamente inibidos e afastados. Sua percepção interna, a consciência, dá ao eu notícias de todas as ocorrências importantes nas operações mentais, e a vontade, dirigida por essas informações, executa o que o eu ordena e modifica tudo aquilo que procura realizar-se espontaneamente. Isso porque a

¹⁸⁷ Id., *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, (1917), p.171

¹⁸⁸ Id., *ibid.*, p.178

mente não é uma coisa simples; ao contrário, é uma hierarquia de instâncias superiores e subordinadas, um labirinto de impulsos que se esforçam, independentemente um do outro, no sentido da ação, correspondentes à multiplicidade de pulsões e de relações com o mundo externo, muitas das quais antagônicas e incompatíveis. Para um funcionamento adequado, é necessário que a mais elevada dessas instâncias tenha conhecimento de tudo o que está acontecendo, e que sua vontade penetre em tudo de modo que possa exercer sua influência.¹⁸⁹

Retornemos ao texto de 1914, que nos permite avançar a questão da articulação entre a sexualidade infantil, a fantasia e o Édipo, que Laplanche e Pontalis afirmam ser o problema principal da psicanálise após o abandono da teoria da sedução. Propomos considerar o supereu como peça fundamental para o desenvolvimento dessa questão, sobretudo através de suas relações com o narcisismo e o sintoma. Relações que, por sua vez, são costuradas pela fantasia.

Freud abre o terceiro capítulo com considerações que nos animam a seguir apostando na relevância do estudo do supereu para a compreensão das vicissitudes do narcisismo:

Os distúrbios aos quais o narcisismo original de uma criança se acha exposto, as reações com que ela procura proteger-se deles e os caminhos aos quais fica sujeita ao fazê-lo — tais são os temas que proponho deixar de lado, como importante campo de trabalho ainda por explorar. Sua parte mais importante, contudo, pode ser isolada sob a forma do

¹⁸⁹ Id., *ibid.*, p. 175-6

complexo de castração (...) e tratada em conexão com o efeito da coerção inicial da atividade sexual.¹⁹⁰

Já acompanhamos o tratamento dispensado por Freud ao conceito de ideal do eu no contexto da segunda tópica. Vale lembrar que na grande maioria das vezes este termo foi usado como sinônimo do supereu. Apenas em 1933, como já vimos, Freud apresenta uma diferenciação entre as funções desses dois conceitos, que ainda assim permanecem indissociáveis. No texto do narcisismo, os termos ideal do eu e eu ideal também são usados de forma indiferenciada, e, como já vimos, o ideal do eu é apontado pelo próprio Freud em 1923 como precursor do supereu. Ainda no terceiro capítulo de 1914, ao discutir essas instâncias ideais, Freud tece várias considerações que prenunciam o supereu.

A propósito do recalque, observações de Freud comprovam que o que futuramente será considerado como atividade superegóica, já está presente nos processos que concernem ao narcisismo: as moções pulsionais da libido sofrem o recalque patogênico quando entram em conflito com as idéias culturais e éticas do indivíduo. Freud assinala que o indivíduo reconhece nessas idéias um padrão para si próprio, e se submete às suas exigências. Para o eu, o recalque é condicionado pela formação de um ideal, que virá a ser o padrão pelo qual se

¹⁹⁰ Freud, S., Sobre o Narcisismo: uma introdução, (1914), p.109

regula o amor próprio do eu. "O recalque, como dissemos, provém do eu; poderíamos dizer com maior exatidão que provém do amor-próprio do eu."¹⁹¹

Pr falar do 1º objeto satis
 Freud enfatiza a imensa dificuldade que o homem tem de abandonar as vias de satisfação que já conheceu. Por isso mesmo, observa que as censuras de terceiros e o despertar de seu próprio julgamento crítico não são suficientes para que uma pessoa abra mão da perfeição narcísica de sua infância. Ela tenta preservar algo dessa perfeição através da formação de um ideal. "O que ele [o homem] projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal."¹⁹²

Encontramos nesse texto uma importante discussão a respeito das diferenças entre os processos de idealização e de sublimação, na qual não nos deteremos. Para nossos objetivos, basta reter a noção de que "a formação de um ideal aumenta as exigências do eu, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalque."¹⁹³ O supereu é, indubitavelmente, prenunciado na passagem que se segue:

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica proveniente do ideal do eu, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o eu real, medindo-o por aquele ideal."¹⁹⁴

¹⁹¹ Id., *ibid.*, p. 110

¹⁹² Id., *ibid.*, p. 111

¹⁹³ Id., *ibid.*, p. 112

¹⁹⁴ Id., *ibid.*, p. 112. Para não deixar dúvidas, Strachey afirma, em nota de rodapé, que foi da combinação desse agente com o ideal do eu que Freud deduziu o supereu.

No desenrolar de suas considerações, Freud é ainda mais enfático:

Um poder dessa espécie, que vigia, que descobre e que critica todas as nossas intenções, existe realmente. Na realidade, existe em cada um de nós em nossa vida normal.¹⁹⁵

Ao ideal do eu cabe a função de censor dos sonhos. Enfatizando a íntima relação do supereu com o narcisismo — e com o amor — destacamos que Freud chega a dizer que o ideal do eu é narcisista.¹⁹⁶ É ele que regulará o nível de auto-estima, que está relacionada, sob todos os aspectos, com o elemento narcisista do amor.¹⁹⁷ Freud afirma que a auto-estima depende da libido narcísica, e expressa o tamanho do eu. Já dissemos que tudo que o eu deseja é ser amado pelo supereu. Aqui podemos ver o supereu, enquanto *relação amorosa* do eu, influenciando na força do narcisismo:

Nas relações amorosas, o fato de não ser amado reduz os sentimentos de auto-estima, enquanto que o de ser amado os aumenta. (...) a finalidade e satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado.¹⁹⁸

¹⁹⁵ Id., *ibid.*, p.113

¹⁹⁶ Cf. Id., *ibid.*, p.113

¹⁹⁷ Cf. Id., *ibid.*, p.116

¹⁹⁸ Id., *ibid.*, p.115

Freud observa que o deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora ocasiona o afastamento do narcisismo primário, que caracteriza o desenvolvimento do eu. Esse desenvolvimento inaugura uma vigorosa tentativa de recuperação do estado narcísico original, sendo que a satisfação narcísica passa a ser buscada através da realização do ideal. Além disso, o eu investe em objetos e se empobrece em prol desses investimentos, de maneira idêntica ao que ocorre na relação com o ideal; do mesmo modo, se enriquece a partir de suas satisfações quanto ao objeto e ao ideal.

Tudo isso leva Freud a considerar que o resíduo do narcisismo infantil é uma parte primária da auto-estima, e que as outras partes provêm da onipotência experimentada na realização do ideal do eu e da satisfação da libido objetal. Aqui Freud mostra que há um limite importante a essa última forma de satisfação, imposto pelo ideal do eu (supereu), bem de acordo com o que estivemos formulando:

O ideal do eu impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, pois ele faz com que alguns deles sejam rejeitados por seu censor como sendo incompatíveis. (...) Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos que às outras — isso é o que as pessoas se esforçam para atingir como sendo sua felicidade.¹⁹⁹

¹⁹⁹ Id., *ibid.*, p.118

Na neurose, esse esforço responde ao mandato do supereu, que gera uma mobilização no sentido da preservação narcísica. Do recalque do desejo decorre a produção de sintomas, que é uma tentativa de combinar as proibições com as satisfações. Tudo isso é regido pela fantasia e nutrido pelo desejo. Vemos com isso que supereu, narcisismo e sintoma se articulam, ainda que em níveis metapsicológicos diversos. Com isso, apesar de sabermos que não é possível, nem desejável, tomá-los por similares, não nos vemos impedidos de tentar montar uma *equação*. ^{Dessa maneira, o supereu exige que} o supereu zela pela integridade, e até pela satisfação, narcísica; esta se manifesta nos momentos em que o eu corresponde ao ideal. Quando algum desejo entra em contradição com o ideal, o supereu exige seu recalque. O recalque não se aquieta, e quando retorna, contrói-se o sintoma, que em parte atende, e em parte dribla o desejo.

Em relação a *essa equação*, acreditamos que se há alguém, em alguma situação, que pode mudar os *resultados* do equilíbrio de forças entre as *operações* egóicas de recalque — que visam a manutenção do amor do supereu, do amor ao supereu, e do amor narcísico — e a manutenção dos sintomas, esse alguém é o analista, e essa situação é a transferência. É com o estudo dos destinos do supereu, e do amor, na transferência que encerraremos esta dissertação.

CONCLUSÃO: O SUPEREU E O AMOR NA TRANSFERÊNCIA

A partir de nossa pesquisa, podemos afirmar que as primeiras relações recíprocas entre o eu e seus objetos fundamentam a constituição do psiquismo. Todas as relações que um indivíduo estabelece posteriormente são marcadas por isso, e a cena analítica não faz exceção. Portanto, a relação do sujeito com o analista se baseia na forma como o outro está inserido na economia psíquica do sujeito. O método psicanalítico se fundamenta numa tendência universal à transferência e faz uso dela como instrumento para desvendar os impasses humanos.

...uma análise sem transferência é uma impossibilidade. Não se deve supor, todavia, que a transferência seja criada pela análise e não ocorra independente dela. A transferência é meramente descoberta e isolada pela análise. Ela é um fenômeno universal da mente humana, decide o êxito de toda influência médica, e de fato domina o todo das relações de cada pessoa com seu ambiente humano.²⁰⁰

Quanto ao supereu, em síntese, sua origem é a seguinte: o supereu surgiu através da introjeção no eu dos primeiros objetos dos impulsos libidinais do isso, e assim a relação foi desviada de seus objetivos sexuais diretos. Esta foi a superação possível do complexo de Édipo. A partir daí, "o relacionamento entre

²⁰⁰ Freud, S., Um Estudo Autobiográfico (1925), p.56

o supereu e o eu constitui um retorno, deformado por um desejo, dos relacionamentos reais existentes entre o eu, ainda individualizado, e um objeto externo.²⁰¹ Dos primeiros objetos, o supereu reteve as características essenciais de força e severidade, bem como sua tendência a vigiar e punir.

Através da transferência, o indivíduo empresta características como essas ao analista. O paciente vê no analista “o retorno, a reencarnação, de alguma importante figura saída de sua infância ou do passado, e, conseqüentemente, transfere para ele sentimentos e reações que, indubitavelmente, aplicam-se a esse protótipo”,²⁰² ou seja, sentimentos e reações que se aplicam ao supereu. Freud afirma que a transferência é uma característica especialmente marcante nos neuróticos.

Eles desenvolvem para com seu médico relações emocionais, tanto de caráter afetuoso como hostil, que não se baseiam na situação real, mas que derivam de suas relações com os pais (o complexo de Édipo). A transferência é uma prova do fato de que os adultos não superaram sua antiga dependência infantil (...).²⁰³

Freud confere a essa transferência um estatuto de importância suprema, pelo fato de que ela consiste simultaneamente em um instrumento de valor insubstituível e em fonte de sérios perigos. O analista é colocado pelo paciente no

²⁰¹ Id., O Mal-estar na Civilização (1930), p.153

²⁰² Id., Esboco de Psicanálise (1940), p.202

²⁰³ Id., Psicanálise (1926), p.306

lugar de um de seus pais e, por isso, há uma ambivalência inerente à transferência. Ela leva o paciente a agir movido por afeição e/ou hostilidade para com o analista. Na transferência o paciente reproduz, claramente, diante do analista, partes importantes da história de sua vida, em vez de apenas contá-las.

Destacamos um momento que, em termos da articulação entre supereu, amor e transferência, é muito importante, entre outros motivos, por apontar uma direção no caminho da cura. Além disso, ainda que possa gerar interpretações muito variadas, trata-se de uma passagem que, acima de tudo, põe em evidência mais um aspecto da onisciência superegógica. Não é apenas a partir do mundo interno que o supereu tem o poder de confrontar-se com o eu e tratá-lo como um objeto — o supereu de um indivíduo pode atuar sobre o eu deste mesmo indivíduo, também, a partir de “fora”:

Se o paciente coloca o analista no lugar do pai (ou mãe), está também lhe concedendo o poder que o supereu exerce sobre o eu, visto que os pais foram, como sabemos, a origem de seu supereu. O novo supereu dispõe agora de uma oportunidade para uma espécie de *pós-educação* do neurótico; ele pode corrigir os erros pelos quais os pais foram responsáveis ao educá-lo.²⁰⁴

Assim, fica evidente que a transferência atualiza as fantasias que sustentaram a relação com os primeiros laços afetivos. Entretanto, a transferência

²⁰⁴ Id., *Esboço de Psicanálise* (1940), p.202

*satisfar nota vnia, compensa. de j. de
que detém a prof. ca. analítica*

não é a simples reprodução de uma ou mais relações do passado, mas sim uma expressão da própria vida pulsional.

*esta transferência afiativa m. o. o. estante s. j. do
com o professor*

A transferência positiva serve à análise, porquanto impõe o paciente para a saúde, isto é, para se libertar dos sintomas, e torna-se a força motivadora da colaboração do paciente, pois "...surge o objetivo de agradar o analista e conquistar o seu aplauso e amor." Se este objetivo passa a ser o motor do paciente na análise, seu eu fica fortalecido, e ele realiza coisas que usualmente "estariam além de suas forças; desiste dos sintomas e aparenta ter-se restabelecido — simplesmente por amor ao analista."²⁰⁵ Mas nisto, podemos divisar um mau resultado da transferência positiva uma vez que estes avanços se esvanecem com rapidez ainda maior do que surgiram, tão logo se instale algum impasse. O importante é que o analista possibilite que, em função da transferência positiva, o paciente se dedique com afinco ao trabalho analítico e, apesar dos momentos dolorosos, não abandone a análise.

impor limites

Freud adverte contra o mau uso do poder de influência que a transferência confere, afirmando que o analista estará sendo desleal à sua tarefa no tratamento analítico se deixar-se levar por suas inclinações. Um analista não pode ceder à tentação de se colocar como um professor, um modelo ou um ideal para outras pessoas; não se trata de criar pessoas à sua própria imagem. A influência que

mesmo

²⁰⁵ Id., Esboço de Psicanálise (1940), p.202

pode ser utilizada deve ser proporcional ao grau de imaturidade do paciente. O

analista não pode repetir o equívoco dos pais:

*melhorar que não está quando diz que o prof. tem um
qualidade, mas que tem algumas semelhanças na relação*

importante

...que esmagaram a independência do filho através de sua influência, [se o fizer] estará simplesmente substituindo a primitiva dependência do paciente por uma nova. Em todas as suas tentativas de melhorar e educar o paciente, o analista deve respeitar a individualidade deste. A influência que possa legitimamente permitir-se será determinada pelo grau de inibição no desenvolvimento apresentado pelo paciente. Alguns neuróticos permaneceram tão infantis que, também na análise, só podem ser tratados como crianças.²⁰⁶

importante

A transferência reproduz a relação do paciente com seus pais e assume a ambivalência dessa relação. Isso acarreta algumas coisas. Por exemplo: é quase inevitável que um dia a atitude positiva para com o analista se transforme em negativa, hostil. Essa própria transformação também é, em alguma medida, uma repetição do passado. Lembremos que a obediência aos pais, os esforços para obter e manter o amor deles, tem raízes num desejo erótico que lhes é dirigido. Frequentemente, esta exigência surge na transferência e insiste em ser satisfeita. "Na situação analítica, ela só pode defrontar-se com a frustração. (...) Uma rejeição desse tipo é tomada como ocasião para a mudança; provavelmente as coisas aconteceram da mesma maneira na infância do paciente."²⁰⁷

²⁰⁶ Id., Esboço de Psicanálise (1940), p.203

²⁰⁷ Id., Ibid., p.203

O paciente se comporta como uma criança que não pode julgar por si mesma, acredita em qualquer pessoa que ame, e não acredita em ninguém que lhe seja estranho. Tanto na transferência negativa como na positiva, existe o perigo de não conseguir levar o paciente a colocar as coisas em perspectiva. "O perigo desses estados de transferência evidentemente reside em o paciente não compreender a sua natureza e tomá-los por experiências novas e reais, em vez de reflexos do passado."²⁰⁸ É a eficácia²⁰⁹ do tratamento que está em questão.

A transferência é tornada consciente para o paciente pelo analista, e é resolvida convencendo-o de que em sua atitude de transferência ele está *reexperimentando* relações emocionais que tiveram sua origem em suas primeiras ligações de objeto, durante o período recalcado de sua infância. Dessa forma, a transferência é transformada de arma mais forte da resistência em melhor instrumento do tratamento analítico. Não obstante, seu manuseio continua sendo o mais difícil, bem como a parte mais importante da técnica de análise.²¹⁰

A neurose de transferência oferece condições de circunscrever a repetição a uma nova relação, onde o seu destino compulsivo pode se modificar. Na instalação da neurose de transferência, os sintomas ganham novos significados, que permitem transformar a compulsão a repetir.²¹¹

²⁰⁸ Id., *Ibid.*, p.204

²⁰⁹ "...o que é eficaz, para Freud, é sempre aquilo que permite elucidar o psiquismo e modificar aquilo, em suas manifestações, que constitui um impedimento para a vida do paciente. Ou melhor, a eficácia que ele descobre é justamente a que está nessa convergência de elucidação e de cura." Portinari, D.B., *A Crítica Freudiana da Sugestão*, (1998), p.123

²¹⁰ Freud, S., *Um Estudo Autobiográfico* (1925), p.57

²¹¹ CF. Rudge, A.M. *Pulsão e Linguagem* (1998), p.67

O paciente está *repetindo* com o analista, sob a forma de apaixonar-se, experiências mentais pelas quais já passou antes; ele *transferiu* para o analista atitudes mentais que estavam prontas nele e intimamente associadas com sua neurose. Ele também está repetindo diante dos nossos olhos suas antigas ações defensivas; ele gostaria mais de repetir em sua relação com o analista *toda* a história daquele período esquecido de sua vida. Assim, o que ele nos está mostrando é o núcleo da história íntima de sua vida: *ele o está reproduzindo de forma tangível, como se ele realmente estivesse acontecendo, em vez de recordar-se dele*. Dessa maneira, o enigma do amor transferencial é solucionado e a análise pode seguir seu caminho — com a *ajuda* da nova situação que lhe parecera uma grande ameaça.²¹²

Em 1940, Freud situa a origem do plano de cura da psicanálise na descoberta do excesso de exigências que sofre o eu. O eu fica enfraquecido pelos conflitos internos e precisa de auxílio. Freud compara essa situação a uma guerra civil, onde é necessária a ajuda de um aliado externo para tornar possível uma resolução. O analista e o eu enfraquecido do paciente, baseados no mundo externo real, se unem contra os inimigos. Freud cita como inimigos especialmente “as exigências pulsionais do isso e as exigências conscienciosas do supereu.”²¹³ De início, o eu do paciente deve transferir a autoridade de seu supereu para o analista.²¹⁴

A transferência revela os laços do supereu com o amor e permite que novos rumos se apresentem. Ao mesmo tempo, foi na situação analítica, a partir

²¹² Id., *A Questão da Análise Leiga* (1926), p.257

²¹³ Id., *Esboço de Psicanálise* (1940), p.200

²¹⁴ Cf. Id., *Esboço de Psicanálise* (1940), p.208

de uma escuta clínica apurada e livre de preconceitos, que Freud pôde elaborar suas considerações metapsicológicas. Diante disso, podemos identificar uma trajetória “circular” nesta dissertação, que é conferida pela própria psicanálise: poderíamos ter partido dessas questões sobre a transferência e chegado às considerações metapsicológicas. Nesse caso, a “circularidade” também estaria presente. A teoria parte da clínica e a clínica é informada pela teoria, em uma constante e inexpugnável retroalimentação. A psicanálise não respira longe do verde perpétuo da experiência.

Algumas considerações finais.

A abordagem dos paradoxos freudianos do supereu abre “passagens secretas” para quase todos os textos e questões abordados na psicanálise. Não consideramos impossível descobrir que outros temas em psicanálise tenham essa mesma característica de interpenetração. Mas o fato é que a instância superegóica, com sua onisciência, é caracterizada por uma amplitude de relações de interdependência, tanto com outros pontos da teoria, quanto com os diversos movimentos psíquicos que se manifestam na vida de uma pessoa.

Não há em Freud uma teoria acabada do supereu e nada do que disse acerca dessa instância pode ser sistematizado sem que se corra o risco de, aparando as arestas, arredondar a tal ponto a teorização freudiana sobre o supereu, que ela se torne ineficaz; ineficaz em termos clínicos, afastando-se dos

paradoxos que caracterizam as relações do neurótico com seu desejo, e, simultaneamente, ineficaz em termos da renovação da produção teórica, característica da psicanálise proposta por Freud.

Em suma, o supereu é um modelo ideal para o eu, e é o regulador das relações do eu com o ideal; representa tanto o mundo externo quanto o isso; ele pertence ao eu e partilha do seu alto grau de organização, mas tem uma vinculação particularmente íntima com o isso; é uma parte diferenciada do eu, e tem o poder de tratá-lo como um objeto; é uma parte diferenciada do isso, e tem o poder de coibir as satisfações do desejo; proíbe e estimula ao mesmo tempo um gozo temido e impossível; participa do recalque, mas não perde o desejo de vista. Através do humor, o supereu tenta consolar o eu e protegê-lo do sofrimento, o que não contradiz sua origem no agente paterno; assim como, torturar o eu e tratá-lo muito mal também não contradiz a origem do supereu no agente paterno. Ele é introjeção dos pais por identificação, é construído segundo o modelo do supereu de seus pais, e ao mesmo tempo sua fúria é proporcional à intensidade dos desejos edípicos. Freud comenta, em O Humor: “Se é realmente o supereu que, no humor, fala essas bondosas palavras de conforto ao eu intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do supereu.”²¹⁵

Não poderíamos desejar chegar a uma teoria definitiva, ou sequer bem amarrada, sobre o supereu. O mais que desejamos foi transmitir como resultado

²¹⁵ Id., O Humor (1927), p.194

da pesquisa o prazer de conhecer os paradoxos desta instância, a partir do recurso aos textos freudianos que consideramos mais fundamentais para essa jornada. Sabemos que outros caminhos poderiam ter sido percorridos, e isso é a melhor parte — ainda há muito trabalho a ser feito. Este é o espírito que mantém a psicanálise verdadeiramente viva.

Enquanto pesquisador que cura, o psicanalista tem muito a aprender com o estudo do supereu que mantém brechas por onde passa o ar da novidade. Quanto à nossa opção de trilhar *o supereu e o amor*, ela surgiu da própria pesquisa, isto é, veio como resultado de um percurso de investigação, através do qual, para nossa surpresa, surgiu *o amor* como tema imbricado nas vicissitudes do *supereu*, em sua origem, em sua manutenção, e em seus destinos na clínica psicanalítica.

Descobrimos que a força aniquilante presente na vida de todo indivíduo tinha um outro lado, um outro olhar possível, outras coisas a dizer. Não apenas não era pura cultura da pulsão de morte, como estava estreitamente relacionado com a pulsão de vida. “Somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta das duas pulsões primevas — Eros e a pulsão de morte —, e nunca por uma ou outra sozinha, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida.”²¹⁶ O supereu não é exceção.

A questão da vinculação do supereu e do amor com a linguagem é uma das muitas questões que surgiram a partir da construção desta dissertação. Qual é a

²¹⁶ Id., *Análise Terminável e interminável* (1937), p. 276

relação do amor, tal como foi tratado aqui, com a linguagem? De qualquer modo, sugerimos a possibilidade de tomar-se os investimentos de amor, perpetuados pelo supereu, da criança com os objetos e consigo mesma como objeto, como jogos que devem sua existência à linguagem e são eles mesmos fatos de linguagem. A fim de verificarmos a validade desta proposta, bem como sua relevância clínica, será necessária uma nova pesquisa.

Além dessas questões que trouxemos, gostaríamos de anunciar ainda três outras. A primeira pode ser colocada de maneira mais simples e direta, e é instigada diretamente pelo texto freudiano — trata-se de uma questão sobre análise de crianças que convida a pensar. Na Conferência XXXIV, Freud afirma ter verificado que a análise de criança alcança resultados seguros e duradouros. E que a técnica de tratamento usada em adultos deve ser muito diferente da aplicada em crianças.

A criança é um objeto psicologicamente diferente de um adulto. De vez que não possui supereu, o método da associação livre não tem muita razão de ser, a transferência (porquanto os pais reais ainda estão em evidência) desempenha um papel diferente.²¹⁷

²¹⁷ Id., Conferência XXXIV, (1933), p.181

A segunda questão é a do limite da cura analítica do ponto de vista do supereu. Até que ponto vai uma análise, em seus efeitos sobre o supereu? A onipotência de pensamento pode ser um dos muitos exemplos:

A desistência da onipotência do pensamento, um dos aspectos da castração, permite olhar o destino como impessoal, admitindo uma esfera fora do sentido, do puro acaso, como o que não pode ser controlado por nossos desejos e por nossas armas.²¹⁸

A terceira questão é mais ampla, mas será apresentada o mais resumidamente possível, e consistirá no fechamento deste trabalho. O que caracteriza a questão é o seguinte: quais seriam as produções possíveis em termos teórico-clínicos, se buscássemos algumas vinculações do estudo do supereu com outras questões trabalhadas por Freud, que não se vinculam diretamente ao supereu? Do mesmo modo que construímos algumas articulações do supereu com certos desenvolvimentos do texto sobre o narcisismo, pensamos em pelo menos mais dois textos que mereceriam esse esforço, ainda que isso possa resultar apenas em levar longe demais algumas analogias. Os textos em que pensamos foram: A Negativa²¹⁹ e Fetichismo²²⁰. Em ambos os textos percebemos a possibilidade de pesquisar algumas das questões que ficam em aberto. No

²¹⁸ Cf. Rudge, A.M. Pulsão e Linguagem (1998), p.65

²¹⁹ Freud, S., A Negativa (1925)

²²⁰ Freud, S., Fetichismo (1927)

primeiro deles, a pergunta seria: onde está a gênese do supereu em relação a todos aqueles mecanismos de construção e funcionamento da subjetividade. Já no texto sobre o fetichismo, encontramos analogias entre os desenvolvimentos do fetiche e do supereu que valeria a pena investigar melhor em uma próxima pesquisa. O fetiche é um monumento erigido à castração com o objetivo de tamponá-la e ao mesmo tempo de não deixar que se esqueça dela. Podemos dizer, apenas por analogia, que o supereu é um monumento erigido à possibilidade da falta do amor com o objetivo de tamponá-la e ao mesmo tempo de não deixar que se esqueça dela. Cabe lembrar que essa falta do amor equivale, precisamente, à castração.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. Análise Terminável e Interminável (1937) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v.23

_____. Carta a Fliess, 21 de setembro de 1897. citado em LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.- B.. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia..* Rio de Janeiro : J. Zahar, 1988. p. 36.

_____. Carta a Fliess, nº 84 (1898) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 1.

_____. Conferência XXIX - Revisão da Teoria dos Sonhos (1933) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 22.

_____. Conferência XXXI - A Dissecção da personalidade Psíquica (1933) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 22.

_____. Conferência XXXII - Ansiedade e Vida Instintual (1933) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 22.

_____. Conferência XXXIV - Explicações, Aplicações e Orientações (1933) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 22.

_____. A Dissolução do complexo de Édipo (1924) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 19.

_____. Dostoievski e o Parricídio (1928) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 21.

_____. O Ego e o Id (1923) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 19.

_____. Esboço de Psicanálise. (1940) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 23.

_____. Fetichismo (1927) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 21.

_____. O Futuro de uma Ilusão (1927) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 21.

_____. O Humor (1927) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 21.

_____. O Inconsciente. (1915) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 14.

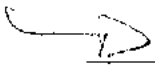
_____. Inibições, Sintomas e Ansiedade (1926) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 14.


_____. Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica (1919) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 17.

_____. O Mal-estar na Civilização (1930) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 21.

_____. Moisés e o Monoteísmo (1939) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 23.

_____. A Negativa (1925) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 19.

 _____. Neurose e Psicose (1924) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 19.

 _____. O Problema Econômico do Masoquismo (1924) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 19.

_____. Psicanálise (1926) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 20

_____. *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 18.

_____. *A Questão da Análise Leiga* (1926) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 20.

_____. Rascunho L. citado em: LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.- B.. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1988.

_____. Rascunho M, citado em: LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.- B.. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1988.

↳ _____ . *Sobre o Narcisismo : uma introdução* (1914) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 14.

_____. *Totem e Tabu* (1912) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 13.

_____. *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise* (1917) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 17.

_____. *Um Distúrbio de Memória na Acrópole* (1936) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 22.

_____. *Um Estudo Auto-biográfico* (1914) In: _____. *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 20.

GREEN, A. *Propedeutique, la metapsychologie revisitée*. Paris : Ed. Champ Valon, 1995.

GEREZ-AMBERTIN, M. *Las voces del superyo*. Buenos Aires : Ediciones Manantial, 1993.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B.. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da Fantasia*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1988.

↳ NASIO, J.D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1991.

PORTINARI, D.B. *A Crítica freudiana da sugestão*. Tese de Doutorado PUC-RJ, 1998.

RUDGE, A.M. O psicanalista e a sabedoria do ato. In: FRANÇA, M. I. (org) *Ética psicanálise e sua Transmissão*. Petrópolis : Vozes, 1996.

_____. *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1998.

SOUZA, O. Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática psicanalítica. In: *CLÍNICA do social : ensaios*.


Bibliografia

- COSENTINO, J.C. *Construccion de los conceptos freudianos*. Buenos Aires : Manantial, 1994.
- COSTA, J.B. *O engajamento na Pólis: uma leitura psicanalítica*. Rio de Janeiro : PUC, 1996. Dissertação de mestrado.
- ENRIQUEZ, E. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1990.
- FREITAS, L. A. Pinheiro de. As identificações na obra de Freud, SPID, *Biblioteca de Psicanálise*. Rio de Janeiro, v.1, 1997.
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio de Prazer (1920) In: _____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 18.
- _____ . O Instinto e suas Vicissitudes (1915) In: _____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 14.
- _____ . Luto e Melancolia (1917) In: _____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 14.
- _____ . A Repressão (1915) In: _____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro : Imago, 1980. v. 14.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo : Martins Fontes, 1988.
- SÉRIO, N. M. F. *Um exame das relações entre o ego e o superego*. Rio de Janeiro : PUC, 1984. Dissertação de mestrado.
- SOUZA, O. *Fantasia de Brasil*. São Paulo : Escuta, 1994.

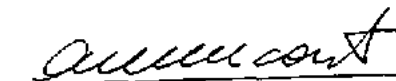
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Carlos Alberto Guedes Campos, intitulada "*O supereu e o amor: Da metapsicologia à transferência*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profª. Ana Maria de Toledo Piza Rudge
(Orientadora) PUC-Rio

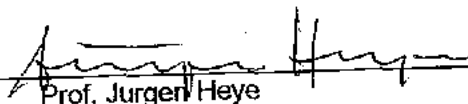


Profª. Claudia Amorim Garcia
PUC-Rio



Prof. Angela Maria de Melo Coutinho
USU

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 25.1.1999.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas